

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Economia



1290000791



IE

TCC/UNICAMP F278p



O Papel do Militarismo na Dinâmica de uma Economia Capitalista

Aluno: André Luis Favilla
Orientador: José Pedro Macarini ✓

relatório final de monografia

TCC/UNICAMP
F278p
IE/791

CEDOC/IE

animal spirit
of capitalism

Introdução	03
Capítulo 1	05
Interpretações teóricas	05
Luxemburg, militarismo e acumulação de capital	05
Militarismo e a abordagem estagnacionista de Baran e Sweezy	07
Labini e a estagnação econômica	15
Ortodoxia e marxismo	17
Capítulo 2	26
Introdução	26
Composição do gasto público americano	29
Rearming America	33
Perspectivas	36
A indústria armamentista e o progresso tecnológico	39
Capítulo 3	43
O gasto militar e a economia americana nos anos 50	44
O gasto militar e a economia americana nos anos 60	47
O gasto militar e a economia americana nos anos 70	50
O gasto militar e a economia americana nos anos 80	52
Conclusão	62
Bibliografia	65

Podemos dividir o presente trabalho em duas partes; uma primeira que procura identificar algumas linhas centrais de autores que desenvolveram, cada um dentro de uma abordagem teórica distinta, teorias acerca das relações entre militarismo e a dinâmica de uma economia capitalista; e uma segunda parte que analisa variáveis centrais da economia americana, economia esta caracterizada, sobretudo a partir da 2ª Guerra Mundial, por elevados níveis de gasto militar.

O capítulo 1 é destinado às abordagens teóricas da questão do militarismo, e sua relação com a economia capitalista. Não caberia, pelos próprios objetivos do trabalho, uma investigação sobre todas as abordagens existentes. Devo dizer que, se fosse este o objetivo, poderia dedicar a totalidade do trabalho para este fim, e mesmo assim não conseguiria cobrir as inúmeras linhas de pensamento que tratam da questão do militarismo.

Das abordagens selecionadas, a primeira delas é a de Rosa Luxemburg.¹ A principal razão para a inclusão de sua abordagem é o longo tempo que separa a sua obra (de início do século), ao substancial crescimento dos níveis de gasto militar após o fim da 2ª Guerra, nos EUA sobretudo no período de 1950/53; e ao acirramento da Guerra Fria. A segunda delas é a abordagem estagnacionista de Baran e Sweezy.² Não pretendo, a partir da inclusão desta abordagem, fazer qualquer defesa da teoria estagnacionista (tampouco tenho a intenção de aprofundar esta discussão). Porém, ao situar a elaboração desta teoria, anos 50 e 60 (paradoxalmente anos de crescimento econômico mundial acentuado), percebo que são os anos de mais elevadas participações do gasto militar em relação ao gasto público e ao PNB. A terceira abordagem é sustentada na teoria de Labini³ e o conceito de estagnação econômica. E por fim, marxismo e ortodoxia refere-se a um apanhado de distintas teorias, das décadas de 70 e 80, portanto mais afinadas com o caminho desenvolvido pelo gasto militar no pós-guerra.

O segundo capítulo inicia a discussão do gasto militar em específico na economia americana. Dentro deste objetivo, faço uma análise da composição

1 Luxemburg, R., O militarismo como domínio da aculação capitalista. In: *A acumulação de capital*, 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1895.

2 Baran e Sweezy, *O Capitalismo monopolista*, 3ª ed, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.

3 Labini, P. S., *Oligopólio e progresso técnico*, trad. Vittoria Certino Salles, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1984.

do gasto público dos EUA, sobretudo suas variações ao longo do tempo. Algumas páginas são dedicadas à política do *Rearming America* na década de 80; e outras páginas dedicadas à perspectivas apontadas por alguns autores como Duboff.⁴ Um outro item é dedicado à questão tecnológica.

O terceiro e último capítulo é dedicado às evidências sugeridas a partir do estudo de séries históricas de dados referentes às principais variáveis macroeconômicas, como consumo, investimento, gasto público, gasto militar e PNB. Em função do extenso período analisado - de 1950 a 1990 - não é possível fazer uma investigação minuciosa do gasto militar e a economia americana. Porém, movimentos centrais são identificados a partir deste estudo, colaborando desta forma com o objetivo do trabalho.

Encerrando esta introdução, e tendo em vista o caminho percorrido, não poderia deixar de agradecer ao prof. José Pedro Macarini, que durante o período de um ano e meio acompanhou o desenvolvimento deste trabalho, prestando sua orientação com extrema paciência; e enfrentando uma dificuldade central, a escassez de material disponível sobre o tema, uma vez que quase a totalidade da bibliografia sobre o tema encontra-se em inglês.

Com este trabalho, encerra-se também um ciclo de quatro anos de convivência com o mais variado grupo de pessoas. Não poderia deixar de agradecer àquelas pessoas que, como eu, ainda buscam muitas coisas, que a ciência econômica nem de perto nos oferece, e talvez nem pretenda. Agradeço aos meus amigos Maurício e Marcelo, pelo verão de 91, e por muito mais. Agradeço aos meus amigos Rafael, e os *waters* Vinícius e Armando. Agradeço ainda, enormemente, à Bia; também ao Robertão, à Luciana e ao Sica.

⁴ Duboff, R., *Accumulation and power. An economic history of the United States.*

Interpretações teóricas

A questão do militarismo, ao contrário do que possa parecer, está presente na teoria econômica antes mesmo da 2ª Guerra Mundial, e o acirramento da Guerra Fria. No começo deste século, podemos identificar uma autora que agregou à sua teoria sobre a acumulação de capital, o militarismo. Esta autora é Rosa Luxemburg; e em função desta sua tentativa, gostaria de abordar brevemente sua teoria acerca do militarismo e acumulação do capital.

*Luxemburg*¹, militarismo
e acumulação de capital

O militarismo acompanha, na história do capital, os passos da acumulação capitalista. Neste sentido, como mecanismo que garante a força no processo de exploração e de acumulação. Do ponto de vista estritamente econômico, o militarismo se revela um eficiente meio para a realização de mais-valia, e conseqüentemente acumulação capitalista.

O consumo de funcionários do Estado (de burocratas ao exército) consiste numa transferência do consumo de operários, camponeses e pequenos burgueses, via impostos indiretos. Ocorre, assim, uma modificação na distribuição do produto total: parte do produto destinado às classes operárias é desviada aos dependentes da classe capitalista. O efeito é o mesmo que se houvesse uma elevação da extração da mais-valia relativa, para sustentar tais dependentes da classe capitalista. Essa transferência dos custos de manutenção dos dependentes da classe capitalista para a classe tributada, permite uma maior apropriação de mais-valia por parte dos capitalistas para capitalização. Luxemburg distingue os efeitos da tributação para fins militares que recai sobre operários e camponeses.

¹ Luxemburg, R., O militarismo como domínio da acumulação capitalista. In: *A acumulação de capital*, 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1895.

No que tange à classe operária ocorre o seguinte de acordo com a autora. Além de não ocorrer elevação de salários que compense o aumento de preço dos gêneros de subsistência (aumento derivado da pressão dos cartéis, e organizações patronais), a tributação indireta transfere parte do poder de compra do operariado para o Estado. Por conseguinte, significa uma redução da participação classe operária no consumo total de gêneros de subsistência. Do ponto de vista do capital individual, deixa-se de produzir uma certa quantidade de meios de subsistência para produzir-se uma certa quantidade de material bélico (ou sustentar o exército). Nas palavras de Luxemburg²: “O capital assim, apenas ganharia com uma mão o que perdeu com a outra”. Por outro lado, quando se pensa o capital total ocorre algo diferente. A alimentação, neste caso, não passa de um mal necessário, na medida em que sustenta a classe operária, permitindo a geração, realização e apropriação da mais-valia por parte da classe capitalista. Deste modo, extrai-se a mesma quantidade de mais-valia, oferecendo-se menos em termos de meios de subsistência. Seria o mesmo pensar em rebaixamento de poder de compra, sem redução nominal dos salários. Esta diferença encaminha-se para os cofres do Estado. E pior, a compreensão dos salários através da tributação indireta ocorre de forma rápida, sem resistência, resistência esta que costuma aparecer algum tempo depois, a nível político, sem reflexos a nível econômico. Este capital nas mãos do Estado, assume a forma de um novo poder de compra, que não se destina nem ao sustento da classe capitalista, tampouco ao sustento da classe operária, criando assim novas oportunidades de realização da mais-valia e acumulação de capital.

No que tange aos impostos extraídos dos camponeses, artesãos e pequenos burgueses, Luxemburg faz outra análise. Aqui, transfere-se para o Estado uma parte de poder de compra de consumidores não capitalistas. Aparentemente, as alterações ocorrem somente na forma material de produção (substituição da produção de outros produtos pela produção bélica). Entretanto, na essência a alteração é mais profunda. Elevadas cargas tributárias retiram destas categorias uma quantidade bem maior de poder de compra do que o criado por estas mesmas categorias. Na posse do Estado, este capital é gasto de forma concentrada e homogênea, fugindo das flutuações do consumo pessoal, adquirindo regularidade; características não vistas em qualquer outro setor da produção capitalista. Permite um crescimento ordenado, ritmado e seguro da produção bélica. Neste sentido, a produção bélica capitalista se sustenta e depende das próprias

2 Ibid: p. 315.

intenções do capital, não estando dependente de outros aspectos (políticos, sociais, entre outros) que atuam fora do raio de intenções do capital.

Ao lado desta análise, pode-se concluir que o militarismo atua em duas frentes para a acumulação de capital. Através de sua força, apropria-se dos meios de produção e da força de trabalho de países e sociedades não capitalistas. E a nível interno, permite cada vez mais uma redução do nível de vida dos operários, via tributação indireta para sustentar o próprio militarismo.

Luxemburg encerra com a seguinte idéia. O capitalismo está condenado ao fim por permitir que tal acumulação de um lado, e a exploração de outro lado, ocorra. O agravamento deste processo, torna inevitável o surgimento de convulsões políticas e sociais, que aliado às crises econômicas, levará à rebelião operária internacional. O capitalismo só existe enquanto forma econômica, ao alimentar-se de outras formas econômicas. Tal contradição só pode ser resolvida com o socialismo, sistema que objetiva a satisfação das necessidades da classe trabalhadora, e não o formento da acumulação desenfreada, imposta pelo capitalismo.

O papel dos gastos militares dentro
da abordagem estagnacionista
de *Baran e Sweezy*

Podem ser destacados dois níveis de discussões relevantes quando se discute a questão do militarismo. Em primeiro lugar pode ser destacado a análise que envolve gastos militares (GM) e seu impacto sobre a dinâmica de uma economia capitalista. Por outro lado, existem certos determinantes destes gastos, entre eles: ameaça externa, interesses particulares de certos grupos econômicos, manutenção do *status quo* internacional, fatores estes que envolvem questões geopolíticas e não se restringem ao âmbito estritamente econômico. Neste sentido, é necessário destacar que a discussão que interessa em particular a este trabalho se refere àquela que envolve os GM e seu impacto sobre a dinâmica de uma economia capitalista.

O problema central colocado por Baran e Sweezy reside na criação e absorção de um excedente econômico. Nas palavras dos autores: "O excedente econômico, na definição mais breve possível, é a diferença entre o que a sociedade produz e os custos desta produção. O volume do

excedente é um índice de produtividade e riqueza, da margem de liberdade que a sociedade têm para atingir as metas a que se proponha chegar³. Passo a desenvolver esta discussão com maior critério.

No contexto do capitalismo monopolista, as grandes corporações são os elementos fundamentais que movem o sistema capitalista. Pela teoria tradicional de preços no monopólio, é possível compreender de que maneira estas corporações determinam seus preços. Existe um acordo tácito entre as grandes empresas a fim de evitar a concorrência por mercados via preços. Esta precaução mútua entre as grandes empresas, faz com que os preços tendam a ser mais estáveis no aspecto decrescente que no crescente, o que significa uma tendência ascendente no nível geral de preços em uma economia. Por outro lado, existe uma tendência à redução de custos devido à utilização de economias de escala e ao constante impulso para a inovação tecnológica. Partindo destes supostos, e pela própria definição de excedente, Baran e Sweezy concluem que existe uma forte e persistente tendência de aumento do excedente. Este excedente é potencial, ou seja, é necessário que a sociedade tenha meios de absorvê-lo para que ele se verifique. São três os meios de absorção: a) por consumo; b) por investimento e c) por desperdício. Entretanto, Baran e Sweezy destacam que os dois primeiros mecanismos são endógenos ao sistema capitalista, no sentido de que fazem parte do conjunto de decisões autônomas e particulares que os agentes econômicos tomam para gastar. E na medida em que tais decisões são privadas, não são tomadas objetivando uma melhor situação da sociedade como um todo, ou um maior volume agregado de excedente; e não seriam suficientes para absorver o excedente potencial da sociedade. Se não há como o excedente capitalista crescer, Baran e Sweezy concluem que o sistema capitalista monopolista tende inevitavelmente à estagnação. Uma economia capitalista em estagnação opera com capacidade ociosa permanente e elevado nível de desemprego; podendo mesmo até crescer, mas a taxas historicamente reduzidas.

Podem ser destacados dois fatores exógenos ao sistema econômico, que em certas circunstâncias permitem que uma economia capitalista saia do estado de estagnação e apresente um crescimento relativamente estável e

3 Baran e Sweezy, *O Capitalismo Monopolista*, 3ª ed, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, p.19. Apesar da definição colocada, Baran e Sweezy advertem que não há em nenhum país, nem por um curto período de tempo, um registro estatístico detalhado, do desenvolvimento do excedente econômico. As razões mais evidentes para isto seriam, a falta de familiaridade com o conceito de excedente e a ausência de estatísticas fidedignas.

até mesmo vigoroso: as inovações tecnológicas e as guerras. Porém, é necessário relativizar sob quais circunstâncias isto é possível.

As inovações tecnológicas permitem que sejam criados novos mercados, novos produtos, maiores lucros para os capitalistas. Entretanto, somente algumas destas inovações têm a capacidade de retirar a economia do estado de estagnação, são aquelas inovações que marcam época. No século passado, a estrada de ferro foi responsável por uma grande fase de expansão econômica; da mesma forma que o automóvel, neste século, pode ser destacado como uma inovação que permitiu um vigoroso crescimento econômico. A partir dos anos 60, Baran e Sweezy não identificam nenhuma inovação tecnológica capaz de promover um ciclo expansivo como aqueles observados nestes casos.

O outro elemento exógeno destacado por Baran e Sweezy, a guerra, e em contrapartida as despesas militares, tem se mostrado mais eficiente em permitir uma expansão do excedente. Neste sentido, o militarismo pode atuar como uma força contrabalançadora da tendência à estagnação de uma economia capitalista oligopolizada. Segundo Baran e Sweezy, a diferença entre a profunda estagnação dos anos 30, e a relativa prosperidade dos anos 50 da economia americana, é altamente devido ao vasto GM dos anos 50.⁴ Cabe destacar que elevados níveis de dispêndio militar não são resultado de qualquer tipo de política econômica que vise o crescimento econômico. São resultado de uma série de condicionantes geo-políticos, conjunturas internas e do caráter internacional do sistema econômico. Sem pretender fazer uma análise detalhada destas questões, procurarei expor resumidamente algumas linhas centrais deste processo.

Segundo Baran e Sweezy, para compreender o papel do militarismo na sociedade capitalista, é preciso antes de tudo ter claro o caráter internacional do sistema econômico, no qual existe uma hierarquia que permite a existência de uma complexa relação de exploração. Nesta relação entre países explorados e exploradores, cabe às forças armadas, e em sentido mais amplo ao militarismo, manter e se possível melhorar a posição do país explorador na hierarquia vigente.

⁴ Nas palavras de Baran & Sweezy: "...the difference between the deep stagnation of the 1930's and the relative prosperity of the 1950's is fully accounted for by the vast military outlays of the 50's". Baran, P. & Sweezy, P., *Monopoly capital*, Penguin, First published by Penguin in 1966, 1975, apud Georgiou, G., *The political economy of military expenditure*. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.

No pós guerra, é verificado um elemento fundamental que permite uma expansão dos GM sem precedentes. Esta expansão, liderada pelos EUA, é justificada pela ascensão do sistema comunista como rival do próprio sistema capitalista de produção. A justificativa oficial e não oficial era sustentada na necessidade de proteger o "mundo livre" da ameaça comunista. Esta justificativa merece duas considerações. Em primeiro lugar, esta imagem do comunismo como vilão (representado na prática pela URSS) do sistema capitalista, foi plenamente aceita e difundida pelos norte-americanos, como um dogma. Em segundo lugar, não existem evidências corroboradoras que justifiquem este aumento substancial dos GM devido à ameaça soviética. É reconhecido que esta ameaça não era militar, mas sim econômica, política e ideológica.

Ao fim da 2ª Guerra Mundial, o capitalismo mundial passa por uma crise mundial sem precedentes, uma vez que a URSS se fortalecia como potência econômica e militar, e a maioria dos países coloniais e semi-coloniais- e mesmo países europeus- recebiam fortes influências comunistas. Com o objetivo de reverter este quadro, os EUA tomam a liderança de uma contra ofensiva capitalista, apoiada na Doutrina Truman.

Esta reestruturação dos objetivos norte americanos passam por três pontos: a) rápida reabilitação e fortalecimento de centros tradicionais de poderio capitalista e a formação de uma aliança militar liderada pelos EUA; b) formação de uma rede de pactos e bases militares ao redor dos países socialistas e c) necessidade de homens e armas de todos os tipos. Nas palavras de Baran e Sweezy: "a necessidade de que a oligarquia americana tem de uma grande e crescente máquina militar é o corolário lógico de sua intenção de conter, reprimir e finalmente destruir o sistema socialista mundial que é seu rival."⁵ Duas formas de ajuda são oferecidos pelos EUA a nível militar: a) participação direta das forças armadas dos EUA no território do Estado beneficiado e b) fornecimento de material e apoio financeiro às forças armadas dos Estados clientes. Com este tipo de ajuda oferecido pelos EUA, os países subdesenvolvidos são mantidos dentro do Império americano, ou até mesmo conquistados caso não fizerem parte.

Um problema que é frequentemente colocado por aqueles que defendem a extinção do bloco socialista, é que o capitalismo necessita de comércio em escala mundial, e portanto, países socialistas são um entrave para a expansão do comércio. Porém, não é verificado que os países socialistas efetivamente se recusem a fazer comércio internacional. Na essência, o que

5 Ibid: p.192

ocorre é que a maior parte das transações internacionais são realizadas por grandes empresas privadas, que se preocupam com a magnitude de seus lucros, e não simplesmente com o comércio. Desta maneira, dentro do processo de internacionalização do capital, a razão pela qual se opõe, juntamente com os governos à difusão do socialismo, é que este reduz as oportunidades de lucro dentro da área recém-socializada, e não pela possibilidade de redução dos fluxos de importação e exportação.

Apesar dos GM terem se revelado a maneira mais eficiente de absorção do excedente, existem certas limitações à eficiência dos GM como instrumento de controle de variáveis econômicas, limitações estas colocadas pelos próprios autores.

A primeira delas, e que merece maior destaque, é a limitação de caráter econômico. O desenvolvimento de tecnologias de guerra cada vez mais modernas, reduziu o poder que tinham os GM de estimular a economia, uma vez que uma proporção cada vez maior das despesas militares destinam-se à engenharia e projetos de Pesquisa e Desenvolvimento (P & D); e uma parcela cada vez menor é destinada à produção de equipamentos militares produzidos em massa. Neste sentido, aumentos maiores de GM terão um efeito relativamente pequeno sobre o nível de investimento e emprego, impossibilitando à economia atingir o pleno emprego através do simples aumento do orçamento militar. Neste caso, um estrangulamento de talentos científicos e de engenharia especializados poderia constituir um obstáculo insuperável para uma maior expansão da despesa militar, muito antes que os efeitos indiretos do maior dispêndio tivesse alcançado os desempregados.

A segunda limitação, de ordem militar, reside no fato de que a acumulação de armas modernas de destruição total, numa corrida armamentista entre duas potências de força igual, não tem finalidade militar racional, e reduz as possibilidades de que o país possa sobreviver a uma guerra em escala total.

Como colocado anteriormente, os gastos civis são insuficientes para permitir a expansão do excedente econômico e retirar a economia da tendência à estagnação, que é inerente ao capitalismo monopolista. E por outro lado, como sugere estas limitações levantadas por Baran e Sweezy, as despesas militares não dão conta de absorver o excedente devido à próprias características do desenvolvimento tecnológico. Dessa forma, a tendência à estagnação terminaria se impondo na economia.

Szymansky⁶ faz uma análise da teoria estagnacionista, partindo da idéia de que a teoria de Baran e Sweezy acerca do papel dos GM sobre a dinâmica de uma economia capitalista oligopolizada possui sérias deficiências. Segundo Szymansky, se Baran e Sweezy estão corretos, é suposto que seus argumentos se apliquem sobre a maior parte dos países capitalistas desenvolvidos, desde que esta análise se refira a características gerais destes países, e não a particularidades da economia americana. Desta forma, analisando o comportamento destas economias desenvolvidas, deve-se esperar que aqueles países que apresentam elevados níveis de GM possuam uma economia menos sujeita à estagnação, do que aqueles que apresentam reduzidos níveis de despesa militar. Da mesma maneira, é esperado que países cujas economias apresentem maior tendência à estagnação apresentem uma maior disposição dos governos a efetuar GM para combater esta tendência.

Szymansky faz uma análise das 18 maiores economias capitalistas, que no ano de 1968 apresentaram PNB superior aos 4 bilhões de dólares e uma renda per capita de pelo menos 1400 dólares. Se Baran e Sweezy estão corretos, devemos esperar o seguinte: 1) gastos militares devem ser responsáveis por um dos maiores, senão o maior, ítem de gasto do governo, assim como representar uma elevada parcela do PNB; 2) aumento da relação entre GM e PNB; 3) aumento da taxa de gasto governamental frente ao PNB, assim como elevação do PNB per capita e redução dos níveis de desemprego; 4) elevação da parcela referente aos gastos não militares, assim como aumento do PNB per capita e redução dos níveis de desemprego e 5) os efeitos dos gastos não militares deve ser inferior aos efeitos dos gastos militares no sentido de ativar a economia.

O passo inicial foi dividir as 18 maiores economias em dois grupos. O primeiro deles, que inclui as seis maiores economias, e que se distanciam bastante do outro grupo no que tange ao tamanho, é formado por EUA, Japão, Alemanha, França, Grã Bretanha e Itália. Os outros países incluídos no estudo são: Suécia, Suíça, Dinamarca, Austrália, Noruega, Bélgica, Nova Zelândia, Finlândia, Áustria e Israel.

O primeiro tipo de análise envolve a relação entre GM e Produto Nacional Bruto. Despesas militares em relação ao PNB, para o conjunto destes países, na média equivale a 3,8% . Esta relação varia bastante entre estes países. No caso de Israel chega a 13,6% e nos EUA atinge 9,2% do PNB,

⁶ Szymansky, A., *Military Spending and Economic Stagnation*, in *American Journal of Sociology*, vol. 79, n. 1, July 1973, p.1-14.

contra 0,8% para o Japão. GM como porcentagem dos gastos governamentais também variam de forma significativa. Os EUA destinam 33,6% do conjunto dos gastos governamentais para despesas militares, contra 5,8% do Japão. Observar as tabelas 01, 02 e 03 nas páginas 23, 24 e 25. Dos 18 países considerados, somente EUA, Grã Bretanha e Israel gastam cerca de 4% do PNB em despesas militares. Ou seja, não é possível generalizar para todas estas economias desenvolvidas, uma elevada participação dos GM em relação ao PNB, nem tampouco uma alta participação dos GM no conjunto dos gastos de um governo. Esta constatação vai exatamente contra ao que Baran e Sweezy procuraram defender. É verificado ainda que os países mais ricos dentro do grupo dos 18 gastam uma maior parcela dos gastos governamentais em despesas militares, que os países mais pobres. O caso extremo, o da economia americana, está associado inevitavelmente à sua condição de potência hegemônica (militar e econômica), que demanda maior nível de GM para sustentar esta posição.

Uma segunda análise relaciona GM e estagnação econômica. Países com as maiores relações entre GM e PNB cresceram a taxas menores que aqueles que efetuaram menores níveis de dispêndio militar. Em se tratando de renda per capita, a relação esperada entre GM e crescimento econômico vale para os oito países mais ricos, e não vale para os dez mais pobres, o que parece sugerir que os países capitalistas mais desenvolvidos são mais sensíveis ao GM, talvez pelo fato de serem mais sujeitos à estagnação econômica. Porém, estes países com os mais elevados níveis de despesa militar/PNB, cresceram somente 20% a mais do que países com menores relações entre GM/PNB. Agregando os países a partir da relação entre gastos governamentais/PNB, no período de 1950-1968, a taxa de crescimento de países com elevados níveis de gastos governamentais e elevados níveis de GM é a oposta a esperada. Países com elevados níveis de GM foram aqueles que cresceram a taxas mais reduzidas. Entretanto, países com elevados níveis de gastos não militares apresentaram uma suave tendência de um efeito positivo de seus GM sobre a taxa de crescimento de sua economia. E ainda, países com reduzidos níveis de gastos não militares e elevados níveis de GM apresentam uma taxa de desemprego superior àqueles com elevados níveis de gastos não militares. Neste sentido, a provável relação entre elevados níveis de GM e baixo nível de desemprego fica comprometida, uma vez que só se comprova entre os países capitalistas menos importantes, e aqueles que gastam uma elevada parcela dos gastos governamentais em gastos não militares.

Em se analisando a relação entre gasto governamental total, taxa de crescimento da economia e nível de emprego, encontra-se o esperado: elevados níveis de gastos governamentais, com reduzidas taxas de desemprego e elevadas taxas de crescimento. O efeito de gastos não militares aparece como o oposto do efeito dos GM. Enquanto o último contribui para a estagnação, o primeiro alivia este efeito. Enquanto os GM têm um efeito mais pronunciado na redução do desemprego do que os gastos não militares, estes exercem um efeito mais significativo sobre a taxa de crescimento da economia.

Em resumo, a teoria de Baran e Sweezy a respeito do papel dos GM sobre a tendência à estagnação em uma economia capitalista oligopolizada possui sérias deficiências. No geral, GM não contrabalançam a tendência à estagnação econômica, embora na maioria dos casos contribuam para redução do desemprego. Gastos não militares exercem um papel muito mais significativo nas economias avançadas do que os GM, além de serem mais eficientes em estimular o crescimento econômico. Szymansky considera que a teoria defendida por Baran e Sweezy não deve ser descartada por completo, uma vez que existe um efeito dinâmico dos GM sobre a economia, através do multiplicador econômico. O que Szymansky procura deixar claro é que os GM exercem um efeito relativamente menor sobre a dinâmica de uma economia, em comparação com os gastos não militares. É provavelmente verdade que os GM americanos nas décadas de 1940-1960 foram os grandes responsáveis pela prosperidade observada na economia neste período. Porém, não se trata de uma lei geral que possa ser estendida a todas economias capitalistas oligopolizadas, onde somente os GM são capazes de promover o crescimento econômico. De acordo com Szymansky: "Elevados níveis de gastos não militares são uma real possibilidade sobre as condições do capitalismo monopolista, e elevados níveis de GM não são uma necessidade econômica."⁷

7 Ibid: p.14.

Labini apresenta sumariamente a tese de Hansen. Uma economia que se encontre em um adiantado estágio de desenvolvimento, possui uma elevada capacidade de poupança. Se considerarmos que toda poupança é investida, temos o pleno emprego. Se por outro lado, as possibilidades de investimento são insuficientes para manter a economia no nível de emprego vigente, acarretará maior nível de desemprego, que tenderá a se tornar crônico. Hansen coloca que os investimentos não ocorrerão na medida exata pois: 1) não existem praticamente possibilidades de expansão territorial; 2) crescimento populacional nos países adiantados apresenta tendência à desaceleração; 3) inovações intensificam o emprego de capital em relação ao trabalho. Como medida para conter a estagnação (tendência) dos investimentos privados, Hansen adota o aumento dos gastos públicos como solução. Trata-se de um problema de longo prazo e utiliza o multiplicador como instrumento analítico.

Kahn (que primeiro elabora o multiplicador como instrumento de análise) utiliza três hipóteses para apoiar o multiplicador: 1) elevada elasticidade da oferta de bens de consumo, de forma que o aumento de demanda não signifique aumento de preços; 2) elevada elasticidade da oferta de mão-de-obra, de forma que o aumento da demanda por mão-de-obra não leve a um aumento de salários; 3) técnica constante. E ainda, a eficiência dos gastos públicos não depende se o gasto público é produtivo ou improdutivo.

Hansen observa que o gasto público adicional tem efeito positivo na economia enquanto dura. Portanto, sugere a necessidade de acréscimos sucessivos dos gastos públicos para conter a estagnação dos investimentos privados. O gasto público produtivo tem duplo efeito sobre o produto nacional: por um lado, um efeito permanente na medida em que aumenta-se a produção; e por outro, um efeito temporário, na medida que aumentam as possibilidades de investimento para as empresas privadas. O gasto público improdutivo possui somente o segundo efeito. Entretanto, o aumento dos gastos públicos não é uma questão estritamente técnica,

8 Labini, P. S., *Oligopólio e progresso técnico*, trad. Vittoria Certino Salles, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1984.

9 Labini, P. S., Estagnação econômica e gasto público. In: *Oligopólio e progresso técnico*, trad. Vittoria Certino Salles, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1984.

envolve muitas vezes questões institucionais e organizacionais, que nem sempre são facilmente modificáveis. No caso particular dos gastos produtivos, são encontrados frequentemente problemas políticos.

A discussão sobre gastos públicos implica na necessidade de discussão sobre o ritmo de investimentos em uma economia em progresso. O problema da adequação das possibilidades de investimento se coloca da seguinte maneira: os aumentos de produtividade são distribuídos nas remunerações. Este aumento de demanda se reflete em um aumento de demanda por bens de consumo, e outra parcela é poupada quase que automaticamente. Eis quando surge o problema das possibilidades de investimento, na medida em que é necessário avaliar as possibilidades de investimento (principalmente das indústrias mais concentradas) por um lado; e por outro, observar os fatores que determinam as poupanças individuais. Nesse sentido, é necessário a longo prazo um aumento dos gastos do Estado (que significa por outro lado demanda), e assim estimular os investimentos privados.

No imediato pós-guerra, a expansão econômica americana se deve basicamente aos gastos públicos, mais especificamente aos gastos militares, decorrentes da tensão internacional do período. Nesta fase, o aumento dos gastos civis foi muito pequeno. Alguns autores sustentam que, como os gastos públicos atingiram um volume e importância considerável na economia americana, tais gastos não poderiam ser cortados abruptamente. Seria necessário reduções graduais destes gastos, e o organismo econômico se recuperaria espontaneamente. Entretanto, em uma economia altamente industrializada como a americana, os gastos públicos além de serem mantidos em um alto nível, devem aumentar, caso contrário ocorrerá a estagnação, e o desemprego tende a aumentar. Hansen advoga neste caso que a solução para um corte nos gastos militares se dá de duas formas simultaneamente; redução de impostos e aumento dos gastos não-militares. De novo, a solução não é tão fácil. A redução de impostos leva por um lado a um aumento da demanda, de menor montante que a redução de impostos, pois, por outro lado, parte deste ganho é poupado. Este aumento de poupança não leva a investimentos, pois as oportunidades de investimento foram reduzidas em consequência da diminuição dos gastos públicos. Portanto, a redução dos impostos deveria ser maior que a redução dos gastos públicos. Nesse sentido, uma política de déficits deliberados, encontra obstáculos, uma vez que causa temor de inflação. Parece então, que a melhor saída é a manutenção de um nível elevado de gastos públicos, saída esta que também não é de fácil implementação. Existem obstáculos

políticos e organizacionais, como por exemplo, conflitos com interesses privados e conflitos de ordem política. A manutenção de gastos militares, importante ressaltar, em um contexto de crescente tensão internacional continua a melhor saída.

Finalizando, Labini constata que economias apoiadas na empresa privada, só podem manter um crescimento contínuo, se houver estímulos externos: gastos públicos ou demanda externa. No caso dos EUA, o estímulo ocorreu basicamente via gasto público. A tese defendida é que em países industrializados, o sistema da empresa privada, deixado por sua própria conta, tenderia à estagnação.

Ortodoxia e marxismo

Dentre as teorias que procuram estudar a natureza, as funções, e as consequências do GM, em relação a um sistema econômico, Smith¹⁰ identifica uma teoria denominada ortodoxa.

Segundo a teoria ortodoxa, é relevante estudar a natureza do Estado, uma vez que a própria decisão de gastos com defesa parte do próprio Estado, e só é possível através deste. A ortodoxia se baseia em uma perspectiva de um Estado neutro na luta de classes, e racional. Este Estado teria como objetivo a maximização dos interesses nacionais, obtidos por um consenso dentro da própria sociedade.

Conservados e defendidos os interesses nacionais, surge à frente do Estado nacional inimigos potenciais, representados por outros Estados. É dado por suposto, pela teoria ortodoxa, que a guerra é uma característica endêmica, interna à natureza humana, à própria natureza dos Estados, e do sistema internacional. Nesse sentido, o Estado deve estar preparado para conter tais ameaças, através do gasto com defesa. As precauções tomadas pelo Estado, na garantia de sua defesa, não devem conduzir necessariamente à guerra, porém deve ser mantido o equilíbrio de forças.¹¹

10 Smith, R. P., Military expenditure and capitalism, In: *Cambridge Journal of Economics*, v.1, n.1, March 1977, p.61-75.

11 O conceito de equilíbrio de forças faz parte da teoria ortodoxa a respeito dos GM, mas sem dúvida consta no vocabulário daqueles que desejam manter a estrutura imperialista sob a "proteção" norte-americana.

O próprio Smith levanta críticas contra a teoria ortodoxa. Segundo este, a análise ortodoxa transforma a análise política concreta do GM em um subjetivismo de caráter técnico. Da mesma forma, retira atenção da análise dos interesses particulares envolvidos, como se só existisse um consenso nacional a ser defendido. E por fim, a ortodoxia obscurece a função política e econômica do GM.

Um elemento que parece claro à luz dos mais atentos, se refere à inexistência de interesses nacionais de consenso¹², em uma sociedade caracterizada por um conflito interno de classes na luta por interesses particulares (particulares não significa interesses individuais, mas interesses de categorias, grupos específicos, setores, etc). Ademais, a complexidade e incerteza vigente no sistema internacional contribui para que decisões a respeito de GM ocorram cada vez mais ao nível dos interesses privados.

Parece não restar dúvidas de que pressões internas e interesses privados são elementos fundamentais na determinação dos GM, uma vez que os benefícios dos GM não são canalizados para a sociedade de uma maneira homogênea, mas nitidamente para grupos privados, onde a barganha de interesses não constam nos contratos, mas fazem parte do "jogo".¹³

Por outro lado, a teoria marxista assume que a operação de um complexo industrial-militar, e os lucros obtidos por tais corporações são determinados pelas leis de movimento do sistema, onde prevelem os interesses capitalistas. A análise marxista observa que o sistema capitalista caminha para uma crise de realização, e a redução das taxas de lucro. O problema da realização se verifica quando não há demanda efetiva suficiente para realizar o conjunto do produto. A redução nas taxas de lucro está associado ao incremento na composição orgânica do capital e nos limites à extração de mais-valia.

A análise marxista coloca que o GM é ideologicamente aceitável; a absorção de mais-valia e a manutenção da demanda efetiva produzidos através de elevados níveis de GM são um elemento fundamental para explicar o longo "boom" do pós-guerra.

12 Podemos supor que até haja algum tipo de consenso no caso extremo de uma guerra, mas não acerca da destinação de verbas públicas para o complexo industrial-militar, ao invés de ser destinado para fins sociais, infra-estrutura, etc.

13 Smith coloca que este fato é ilustrado pelo debate que se seguiu à Guerra do Vietnã, onde eram observados políticos buscando a reeleição, generais buscando promoção e corporações privadas sedentas por lucro.

Smith, contra a abordagem subconsumista (marxista), coloca que o GM é relativamente ineficiente para promover políticas de pleno emprego, por ser capital extensivo; e ineficiente enquanto políticas de estabilização, uma vez que o tempo de execução dos contratos são demasiadamente longos.¹⁴

Desta forma, não é possível fazer a inferência de que os GM são necessários para ativar a demanda agregada, em específico no caso americano, mesmo porque outros países sustentam seu nível de demanda sem equivalentes gastos com defesa.

São identificados três funções estratégicas do GM, ignoradas em parte pela abordagem ortodoxa: a) os Estados capitalistas são vistos como um grupo que deve defender o mundo livre da ameaça comunista, representado no Pacto de Varsóvia, assim como movimentos de libertação do 3º Mundo; b) entre os Estados capitalistas, o poder militar garante a manutenção da área de influência imperialista à sombra da potência hegemônica e; c) dentro dos Estados capitalistas, os GM provém segurança contra a ameaça subversiva, através do próprio poderio militar.

Na relação entre os Estados capitalistas, a força militar têm crucial importância na manutenção da hegemonia americana. A força nuclear é responsável direta pela influência que os EUA exercem sobre o resto do mundo, mantendo a fidelidade capitalista, moderando os desencontros no mercado internacional, entre outros. Hegemonia é exercida através de mecanismos econômicos e financeiros, mas para manter tal influência, a potência hegemônica deve ter habilidade e astúcia para usar a força militar a favor de seus interesses. Dentro da esfera interna ao Estado, os GM atuam no processo de dominação da luta de classes, através da utilização ideológica do GM para desenvolver sentimentos de identidade nacional.

Griffin¹⁵ elabora sua análise acerca do impacto do GM sobre o comportamento de uma economia capitalista, partindo de uma crítica à teoria de Smith.

Segundo Griffin, o principal desacordo se refere ao fato de que se trata de uma análise de um processo essencialmente dinâmico e histórico. Cada

14 Uma hipótese alternativa é de que é extremamente interessante para o capitalismo americano a existência de um relativo nível de desemprego, pois pode criar uma massa de trabalhadores extremamante dócil. O pleno emprego (na prática reduzidos níveis de desemprego) pode ser obtido no caso de uma guerra, mas se trata de um "sacrifício" do capitalismo americano para manter sua hegemonia.

15 Griffin, L. J., The political economy of military spending: evidence from the United States, In: *Cambridge Journal of Economics*, v.6, n.1, March 1982, p.1-14.

país possui leis de acumulação de capital particulares, estruturas industriais e de mão-de-obra da mesma forma particulares e diferenciadas. E ainda, não é possível homogeneizar a maneira pela qual o Estado interfere na economia em vários países.

Neste sentido, Griffin adota uma análise sócio-histórica do GM; e tendo como contexto político-econômico internacional a vigência do capitalismo monopolista, sua análise torna-se mais vigorosa. Uma crítica adicional se refere ao período em que Smith colheu seus dados para elaborar sua análise: 1960, 1970 e 1973; enquanto Baran e Sweezy trabalham com séries completas desde a 2ª Guerra Mundial.

Dentro da abordagem sócio-histórica de Griffin, a economia americana é dividida em dois distintos setores, o monopólio e o competitivo. O setor monopolista é dominado pelas firmas de grande porte e oligopolistas, com substancial poder de mercado e determinação dos preços. O setor competitivo é dominado por empresas de pequeno porte, com pouco ou nenhum poder de mercado, nem são formadoras de preços.

Neste sentido, o setor monopolista é visto como máquina propulsora da economia, da acumulação de capital necessário para o progresso geral e harmonia social. O setor monopolista é que deve receber incentivos estatais para trazer benefícios à atividade econômica. No caso americano, este estímulo se dá basicamente através dos gastos com defesa.

O GM é eficiente em viabilizar a ordem econômica, na medida em que: a) os armamentos em geral são rapidamente utilizados, e se não forem, tornam-se obsoletos; b) existem conflitos crescentes de natureza ideológica, expressados na corrida armamentista e na Guerra Fria¹⁶; c) existe a necessidade dos EUA em manter uma área de influência (leia-se imperialismo) sobre os países periféricos e d) a expansão do gasto social não é uma alternativa desejada, por competir por um lado com o setor privado, e por outro, redistribuir renda a favor da classe trabalhadora.

Griffin entende que os EUA mantêm uma política permanente de armas, não em função de um determinismo mecânico-econômico, mas sim pela presença do Estado em contato com o setor oligopolizado da economia (e sua importância assinalada anteriormente), e pela cristalização de forças políticas internas depois da 2ª Guerra Mundial.

16 Tais conflitos eram claros até 1989/90, antes do processo de abertura econômica e política do bloco comunista.

Apesar destes dois últimos elementos serem decisivos para a determinar e compreender a política permanente de armas dos EUA, o GM tem efetivamente contribuído para elevar o nível de demanda agregada por produtos do setor oligopólico da economia, além de estimular P & D e inovações tecnológicas; e por fim viabilizar estrategicamente a hegemonia militar-econômica dos EUA.¹⁷

O GM nos EUA, assim, não é justificado em função de determinismos mecânico-econômicos, nem em função de condições geo-políticas, tensão internacional, etc; mas sim em razão de condições econômicas internas, especialmente a acumulação de capital pelo setor oligopolizado, em um contexto de capitalismo monopolista, e a existência de um mercado de mão-de-obra organizado.¹⁸

Riddel¹⁹ chama a atenção para alguns pontos importantes. A noção de que a produção militar é capital intensiva, e desta forma não permite uma expansão da demanda agregada, não pode ser tomado como pressuposto. Existe a necessidade de recursos primários em larga escala para que esta produção se verifique, como o petróleo; existe a necessidade de mão-de-obra especializada, além das despesas militares incluemem gasto com veteranos de guerra, operação e custo de manutenção da defesa nacional, aplicação de recursos em P & D, construção militar, entre outros.

Outras evidências são levantadas: 1) se existe tendência à superprodução no capitalismo, o GM contribui para elevar a demanda agregada sem elevar a oferta agregada; 2) o complexo industrial-militar é altamente concentrado, o que permite obter vantagens a partir de condições políticas e econômicas; 3) GM provém ao Estado americano condições para retirar vantagens econômicas no comércio internacional e atividades financeiras e; 4) GM mantém EUA com poder de dominação sobre o resto do mundo.

O GM é em última instância, determinado pelo setor público, e não se resume a uma simples escolha entre gastos com educação, assistência social, entre outros. A decisão depende fundamentalmente do respectivo programa. Tendo o GM diferentes consequências internacionais e nacionais,

17 Importância também é dada pro Griffin à organização da força de trabalho nos EUA, um mercado de trabalho caótico não poderia servir adequadamente a uma estrutura dessa forma oligopolizada.

18 Griffin chama a atenção para a complexidade deste processo, onde fatores políticos internos, como por exemplo eleições presidenciais, podem alterar a estrutura de gastos do governo.

19 Riddle, T., Marxism and military spending, In: *Journal of Post Keynesian Economics*, v.VIII, n.4, Summer 1986, p.563-584.

na taxa de exploração, absorção de mais-valia em relação a outros tipos de gastos públicos, os resultados das várias alternativas de despesa pública não são idênticos. Se os efeitos são diferentes, e dadas as relações acima, os capitalistas devem preferir o GM.¹⁸

18 O GM é financiado, em última instância, pelo gasto público, que por sua vez é financiado pela arrecadação fiscal, portanto transferência de renda da classe trabalhadora para este fim.

Renda per Capita e Componentes do Gasto Governamental, 1968					
	PNB per capita	GG/PNB (%)	GM/PNB (%)	GNM/PNB (%)	GM/GG (%)
PNB/capita mais elevados					
EUA	4,379	27.4	9.2	18.2	33.6
Suécia	3,315	35.7	3.8	31.9	10.6
Canadá	2,997	26.7	2.7	24.0	10.1
Suíça	2,754	20.9	2.3	18.6	11.0
Dinamarca	2,545	30.4	2.5	27.9	8.2
França	2,537	33.1	3.8	29.3	11.5
Austrália	2,476	19.2	3.7	15.5	19.3
Noruega	2,363	34.0	3.9	30.1	11.5
Alemanha	2,206	31.7	3.2	28.5	10.1
Média do Grupo	2,840	28.8	3.9	24.9	14.0
PNB/capita mais baixos					
Bélgica	2,154	30.2	2.8	27.4	9.3
Holanda	1,980	32.6	3.6	29.0	11.0
Grã Bretanha	1,861	29.1	5.7	23.4	19.6
Nova Zelândia	1,767	22.3	2.0	20.3	9.0
Finlândia	1,708	27.5	1.7	25.9	6.2
Austria	1,544	29.7	1.3	28.4	4.3
Israel	1,460	48.7	13.6	35.1	27.9
Itália	1,418	29.6	2.2	27.4	7.4
Japão	1,404	13.9	0.8	13.1	5.8
Média do Grupo	1,695	29.3	3.8	25.6	11.2
Média Total	2,270	29.0	3.8	25.2	12.6
Fonte:-EUA, Statistical Yearbook, 1968, e EUA, Yearbook of National Account Statistics, 1968					

tabela 01

A Relação entre Gasto Militar e Estagnação Econômica				
	GM/PNB 1968 (%)	Desem- prego (%) 1964-68	PNB/Capita 1950-68 (%)	PNB/Capita 1960-68 (%)
Gastos militares mais elevados				
Israel	13.6	...	5.1	4.2
EUA	9.2	4.2	2.0	3.7
Grã Bretanha	5.7	2.0	2.4	2.3
Noruega	3.9	1.2	3.4	4.4
Suécia	3.8	1.8	3.5	3.9
França	3.8	...	3.9	4.4
Austrália	3.7	1.5	2.5	3.2
Holanda	3.6	1.2	3.4	3.8
Alemanha	3.2	1.1	5.0	3.2
Média do Grupo	5.6	1.9	3.5	3.7
Gastos militares mais baixos				
Bélgica	2.8	3.1	3.2	3.8
Canadá	2.7	4.2	2.0	3.7
Dinamarca	2.5	3.3	3.5	3.7
Suiça	2.3	...	2.8	2.4
Itália	2.2	3.4	4.9	4.4
Nova Zelândia	2.0	...	2.2	2.2
Finlândia	1.7	2.3	3.9	3.5
Áustria	1.3	2.7	4.8	3.6
Japão	0.8	1.0	8.6	9.2
Média do Grupo	2.0	2.9	4.0	4.1

Fonte: ONU, Statistical Yearbook, 1968, e ONU, Yearbook of National Account Statistics, 1968

tabela 02

A Relação entre Gasto Governamental e Estagnação Econômica				
	GG 1968 (%)	Desem- prego (%) 1964-68	PNB/Capita 1950-68(%)	PNB/Capita 1960-68(%)
Gastos governamentais mais elevados				
Israel	48.7	...	5.1	4.2
Suécia	35.7	1.8	3.5	3.9
Noruega	34.0	1.2	3.4	4.4
França	33.1	...	3.9	4.4
Holanda	32.6	1.2	3.4	3.8
Alemanha	31.7	1.1	5.0	3.2
Dinamarca	30.4	3.3	3.5	3.7
Bélgica	30.2	2.7	4.8	3.6
Áustria	29.7	2.7	4.8	3.6
Média do Grupo	34.0	2.1	4.0	3.9
Gastos governamentais mais baixos				
Itália	29.6	3.4	4.9	4.4
Grã Bretanha	29.1	2.0	2.4	2.3
Finlândia	27.6	2.3	2.0	3.7
EUA	27.4	4.2	2.8	2.4
Canadá	26.7	4.2	2.0	3.7
Nova Zelândia	22.3	...	2.2	2.2
Suíça	20.9	...	2.8	2.4
Austrália	19.2	1.5	2.5	3.2
Japão	13.9	1.0	8.6	9.2
Média do Grupo	24.1	2.7	3.5	3.8

Fonte: ONU, Statistical Yearbook, 1968, e ONU, Yearbook of National Account Statistics, 1968

tabela 03

O Gasto Militar na Economia Americana

Introdução

A nível genérico, na década de 90, os EUA completam cinco décadas consecutivas de elevados níveis de gastos militares (GM). Sobretudo durante a Guerra da Korea e a Guerra do Vietnã, o orçamento do Pentágono foi substancialmente elevado, obtendo o auge no ano de 1953, quando os GM atingiram cerca de 13,2% do PNB norte-americano. Desde 1950, os níveis de GM caíram abaixo de 6% do PNB somente durante dez anos, principalmente entre 1973 e 1981.

Segundo alguns analistas, os GM exercem um efeito paralizante sobre a vitalidade do setor privado, na medida em que o Pentágono retira profissionais e técnicos do mercado, além de canalizar os esforços em P & D. Na medida em que aumenta a concorrência internacional, o efeito negativo se propaga de forma mais acentuada, através da elevação dos custos, infectando o resto do setor privado.

Entretando, na média, é observado que após o ano de 1945, a economia tem apresentado um comportamento mais estável, principalmente se comparado com a recessão que se abateu sobre a economia mundial, onde a Grande Crise de 1929 é seu maior marco. Esta fase relativamente bem-sucedida do capitalismo mundial somente enfrentou suas primeiras dificuldades estruturais a partir de 1970. Uma razão que é frequentemente apontada para explicar este comportamento da economia americana, são os elevados volumes de GM efetuados pelo governo, que na média de 1945-1987 foi de 7,5% do PNB. Estes elementos sugerem que os GM têm estimulado, e não provocado o *crowding out* do investimento e consumo privado no longo prazo. Com um menor nível de despesas governamentais, a economia americana poderia ter experimentado instabilidades duradouras e períodos de estagnação prolongados.

Uma outra face desta discussão acerca de elevados níveis de GM e seu impacto a nível econômico, se refere aos custos e benefícios dos gastos em P & D militar sobre o P & D civil. A Guerra Fria estimulou a propagação do computador, a corrida espacial produziu o semi-condutor e inúmeras outras inovações, cujas empresas produtoras receberam seu estímulo inicial através dos contratos militares. Ademais, os gastos em P & D privado têm crescido mais rapidamente que os gastos em P & D militar cresceram nas décadas anteriores. Estes elementos sugerem que os gastos com defesa parecem não ter comprimido os gastos em P & D dos setores não militares.

A utilização de GM como estímulo à demanda agregada possui respaldo a nível teórico. Economistas keynesianos, de longa data vem argumentando que qualquer gasto governamental (GG) é capaz de estimular a demanda agregada, e através do efeito multiplicador este estímulo resultar em um aumento nos níveis de renda e emprego. Esta posição torna público o sentimento de que guerra e prosperidade estão unidos no capitalismo.

As vantagens da utilização dos GM para estimular a economia contrastam rudemente com as desvantagens dos gastos em "wealfare state". Por um lado, é mais fácil expandir os níveis de GM, uma vez que não há um critério público que indique "o quanto é suficiente"; e a adição de gastos não compete com a demanda privada em qualquer indústria. Por outro lado, gastos sociais envolvem inúmeros movimentos de oposição, entre eles: colocam o governo em competição direta com as indústrias, tendem a beneficiar os pobres e a classe operária, entre outros.

Apesar dos elevados níveis de GM americanos estarem relacionados com um comportamento estável de sua economia, verificado em um crescimento constante e ausência de recessões agudas até o início da década de 70, há quem argumente que os GM causam danos à demanda privada através do *crowding out*-como foi colocado anteriormente- justificando esta posição pela comparação da economia americana com as economias da Alemanha e Japão. Estes dois países gastam uma parcela inúmeras vezes menor de seu PNB em GM, ao passo que gastam uma parcela muito maior do PNB em investimento.

Pela teoria tradicional do *crowding out*, seria esperado que uma elevação dos gastos governamentais deslocasse o gasto -consumo e investimento- privado. Esta redução dos níveis de despesa privada reduziria o nível de atividade da economia e este efeito se propagaria através do multiplicador econômico.

Quem defende esta opinião não interpreta corretamente os efeitos positivos dos GM no crescimento econômico americano, ignora diferenças importantes nas condições de demanda agregada entre os EUA e os outros países, assim como características particulares de cada economia; e mais importante, não considera a necessidade militar americana para executar sua política imperialista, através da qual deve combater a expansão, e se possível eliminar o sistema comunista. Simultaneamente, expandir seu domínio sobre regiões do 3º Mundo, e em particular sobre o Oriente Médio. Nesse sentido, os GM provem de forma mais adequada um estímulo ao crescimento econômico americano, onde muitos dos novos produtos como computadores, produtos eletrônicos e telecomunicações, tiveram seu desenvolvimento e crescimento associados direta ou indiretamente ao militarismo.

A presença marcante do setor militar, assim como seu peso na economia americana, pode ser situado fundamentalmente a partir da 2ª Guerra Mundial. Com o fim da guerra em 1945, os EUA se destacaram como potência hegemônica, e tomam a liderança do bloco capitalista contra a ameaça soviética. Obtendo desenvolvimentos tecnológicos cada vez mais rápidos dentro da era atômica, passou a não existir mais tempo para mobilização da indústria civil em caso de necessidade. As exigências do imperialismo norte-americano requerem um permanente e volumoso orçamento militar, suficiente para um combate de forças a nível mundial.

Porém, não passaria de um erro justificar a magnitude do orçamento militar americano frente somente à necessidade de um eventual combate a nível mundial. O orçamento com defesa não precisa ser tão grande frente às necessidades internacionais levantadas anteriormente. Há evidências que sugerem que a corrida armamentista com a URSS foi desenvolvida a um passo controlado pelos EUA, e nesse sentido, um menor nível de GM não produziria um equilíbrio de forças diferentes.

Pode-se concluir que o grande elemento associado a estes gastos com defesa acima das necessidades estritamente tecno-militares, é a necessidade de estímulo à demanda agregada. Esta necessidade não é verificada até recentemente, em países como Alemanha e Japão. No pós-guerra, o rápido crescimento destas economias se deve à abundância de mão-de-obra barata, e à possibilidade de aplicar os desenvolvimentos tecnológicos obtidos nos EUA. Mas igualmente importante, o Estado nestes países desempenharam um papel particular, no sentido de atuar intervindo na organização e direcionamento do investimento em capital produtivo. Havia

a necessidade de proteger seus mercados contra a competição dos produtos americanos e contra o investimento direto. Uma prática comum era a exclusão de pequenas e médias firmas para fortalecer as maiores. Assim a produtividade crescia mais rápido, uma vez que os custos de uma recessão eram evitados. A posição destes países era o de manter o investimento elevado e racionalizar sua indústria, e como resultado não era necessário estímulo adicional à demanda agregada.

Nos EUA, a racionalização de sua indústria era impedida por alguns fatores: barreiras à entrada limitavam o investimento nas indústrias oligopolizadas, a ausência de preços competitivos no oligopólio protegia empresas com altos custos e excesso de capacidade produtiva, desencorajando investimentos futuros. Esta oposição das grandes corporações de capitais em usar o Estado para gerenciar investimentos não-militares contrasta com a posição dos capitais do Japão e países da Europa Ocidental. Nos EUA, é muito mais fácil para o governo utilizar os GM para estimular a demanda agregada: a 2ª Guerra Mundial demonstrou claramente a unidade de interesses entre capitalistas e militarismo.

Composição do Gasto Público nos EUA

Observando os dados referentes às Compras Governamentais de Bens e Serviços nos EUA, é possível perceber que a magnitude dos GM americanos pode não ter comprimido a demanda privada, mas por outro lado comprimiram o conjunto dos gastos não-militares (GNM) do próprio governo americano. Devem ser excluídos dos GNM as transferências para fins sociais.

Os GNM (gasto federal não-militar) têm seu nível abaixo de 3% do PNB desde 1940, sendo que aproximadamente metade desta quantia é gasta com 1,2 milhões de funcionários públicos federais (em sua maioria funcionários do executivo e ramificações); 57.000 pessoas empregadas no setor judiciário.¹ Os GNM atingiram em 1977 cerca de 73 bilhões de dólares, enquanto os GM atingiram a cifra de 170 bilhões. Onze anos mais tarde, em 1988, os GNM totalizavam 70 bilhões, enquanto os GM totalizavam a

¹ Duboff, R., What military spending really costs, In: *Challenge*, sept/oct 1989, p.4-10.

fabulosa cifra de 263 bilhões de dólares. De maneira semelhante, os dados que relacionam GM com gastos dos Estados e Municípios, registram que os picos de GM coincidem com os níveis mais baixos de gastos de Estados e Municípios, em 1951-1953. Por outro lado, em 1975-1978, os gastos de Estados e Municípios atingem seu pico, e os GM são reduzidos aos níveis mais baixos desde a 2ª Guerra Mundial.²

O volume de GNM, se incluídos os gastos dos Estados e Municípios, atingiram seu auge em 1975, com cerca de 15,4% do PNB. Com o declínio destes gastos nos últimos 15-20 anos, uma demanda por infraestrutura (ruas, estradas, pontes, transporte de massa, etc.) cada vez maior pelo setor privado, não pode ser respondido por um setor privado cada vez menor relativamente. A magnitude desta defasagem é extraordinária, uma vez que os gastos com infraestrutura caíram de 4% do PNB em 1960 para 2,6% do PNB em 1980. Per capita, representa uma queda de 30% entre 1965-1977. O investimento público líquido caiu de 63 bilhões de dólares em 1964 para 12 bilhões de dólares em 1984 (a valores constantes em dólares em 1982).³

Nesse mesmo sentido, a expansão do estoque de capital público quase parou em 1960-1965 e 1980-1985; enquanto neste período o PNB cresceu 80% e a produção do setor privado 85%.

No período de 1970-1975, marcado por um acentuado declínio do investimento público, dois elementos são determinantes: a) restrição ao financiamento dos gastos dos Estados e Municípios devido à contenção monetária imposta pelo FED visando conter a inflação e b) a profunda recessão dos anos 1973-1975, reduzindo os fluxos de renda e conseqüentemente o financiamento dos gastos dos Estados e Municípios através da coleta de impostos sobre os fluxos de renda.

Dados da construção civil também corroboram a tese de que os GM comprimiram (*crowding out*) os GNM. O fato é que o mercado livre tem se mostrado incapaz de suprir adequadamente os cidadãos, a não ser que seja suplementado por medidas do governo como subsídios a compradores e inquilinos, e programas de redução de custos. Em 1985, uma estimativa sinalizava que 7 milhões de famílias gastavam 50% de sua renda com aluguel, e que 5 milhões de famílias gastavam pelo menos 70% de sua renda com aluguel.⁴

2 Ibid: p.8. Esta oscilação dos GM e GEM ficará mais nítida no próximo capítulo, quando serão observadas séries históricas.

3 Ibid: p.8.

4 Ibid: p.9.

No mesmo processo, os gastos públicos com educação ficaram defasados, e evidências sugeriam que os trabalhadores do Japão e Europa Ocidental possuíam maior conhecimento e preparo que os próprios trabalhadores norte-americanos.

Como fica demonstrado pelas tabelas 01 e 02 nas páginas 41 e 42, a partir de metade da década de 40, os GM passaram a ser responsáveis por maior parcela do total dos gastos do governo. No final desta mesma década, apesar da economia americana ter crescido de forma significativa, no ano de 1948, o investimento privado começa a diminuir e o PNB cai 2% reais entre novembro de 1948 e outubro de 1949. No mesmo período, o desemprego salta de 5,9% para desconfortáveis 7,2%. O fantasma da Grande Depressão de 1929 continuava rondando a economia americana, apesar do relativo crescimento da década de 40.

Porém em 1950, um novo elemento no cenário internacional provém a solução política para um velho dilema econômico, o de como utilizar a intervenção governamental para estabilizar a economia privada. A Guerra da Korea permitiu a conexão entre produção de armas e emprego. Em junho de 1950 o desemprego era de 5,2%, caindo para 3% no começo de 1951, e para 1,9% em agosto de 1953. No mesmo período, os GM saltaram de 14 bilhões de dólares para 51 bilhões de dólares, ou seja, 5% para 14% do PNB. Com o fim da Guerra da Korea em 1953, o correspondente impulso dado à economia americana se reduz, e uma branda recessão se instala na economia até 1955. De qualquer forma, até 1957, a demanda por produtos militares foi responsável pelo crescimento econômico observado.

A questão que merece ser destacada a partir desta experiência, é que outros tipos de gastos governamentais poderiam servir ao mesmo propósito, mas a preferência pelos GM foi fortemente estabelecida por duas razões: em primeiro lugar, a oposição severa (a nível econômico e ideológico) a qualquer programa governamental que venha a competir com o capital privado; e em segundo lugar, o papel externo do militarismo em manter o sistema capitalista internacional sob domínio dos EUA.

Nesse sentido, o maior estímulo para o crescimento econômico americano desde 1950, até o início da década de 70, veio do setor público, e não do setor privado. O comportamento mais estável da economia foi resultado de uma expansão do próprio tamanho do governo, assim como uma expansão na estrutura de seus gastos. O governo é um elemento da economia menos vulnerável à flutuações cíclicas da demanda agregada. Por outro lado,

houve um aumento nos níveis de gastos com bens e serviços por parte de todas as esferas governamentais, sendo que este gasto até 1980, não era financiado por um grande déficit público.

A nível interno, a magnitude dos GM exerceu forte influência sobre certos segmentos industriais. A maioria das pesquisas básicas e desenvolvimentos tecnológicos ocorridos nestes segmentos estiveram intimamente relacionados com a expansão do setor militar. A indústria eletrônica foi a que mais cresceu nos anos 50, e seu desempenho está sem dúvida atrelado ao P & D militar, assim como a própria demanda do setor militar por estes produtos. Na metade dos anos 60, a demanda indireta e direta do setor militar pelos produtos eletrônicos correspondeu a 70% da produção da indústria eletrônica. Outras duas indústrias apresentaram um crescimento significativo nas décadas de 50 e 60 e estavam, da mesma forma, diretamente ligadas à expansão do setor militar: a indústria aeroespacial, que foi a que apresentou o segundo maior crescimento na década de 50; e a indústria de sintéticos. Ademais, se comparamos o desempenho da economia americana em finais da década de 50 com o desempenho da década seguinte, podemos notar o papel favorável da Guerra do Vietnã a nível econômico. A economia americana teve um fraco desempenho no final da década de 50, em contraste com o prolongado "boom" da década dos 60, em grande parte devido aos impactos econômicos favoráveis de Guerra do Vietnã.

A despeito das pequenas e brandas recessões observadas no pós-guerra, até o início da década de 70, é nítido a existência de um "boom" econômico desde o fim da 2ª Guerra. Porém alguns eventos entre 1971-1973 sinalizavam o fim do período de crescimento econômico. Em primeiro lugar, uma crise a nível mundial levou a uma desvalorização do dólar, com o fim da vigência do Acordo de Bretton Woods. Em 1973, a inflação se acelera, e ainda, a OPEP determina um aumento substancial no preço do petróleo (cerca de quatro vezes). A partir daí segue-se um período que poderia sinalizar uma tendência à estagnação do sistema econômico. A taxa de desemprego atingiu entre 1973/87 uma média de 7,2%, enquanto a média da taxa de desemprego dos anos 60 foi de 4,6%.

Neste período recente, a presença do setor público ainda é decisiva, principalmente através do setor militar, que da mesma forma que no pós-1929, continuou a ser um grande estimulador da demanda agregada. Desde 1947, os GM variaram em torno de 7,5% do PNB na média. Entretanto, deste

número são excluídos inúmeros itens de gasto, como gastos da CIA, gastos do Depto. de Energia, Administração Atmosférica e Oceânica Nacionais, entre outros. Um exemplo significativo de como estes gastos são relevantes, o Depto. de Energia se tornou pesadamente militar, uma vez que dois terços de seu orçamento de 12,5 bilhões de dólares no ano de 1987 foram alocados para produção de armas nucleares.

Rearming America

Rearming America foi a política implantada pelo Governo Reagan, que proclamou o aumento dos GM e a redução dos gastos sociais. O objetivo desta política era elevar a produção militar aos níveis relativos observados no início dos anos 50.

Alguns paralelos entre o início da década de 50 e o início da década de 80 podem ser traçados. Em 1950, os planejadores de política do Depto. de Estado estavam preocupados com os eventos internacionais do período. Em agosto de 1949 os soviéticos detonam sua primeira bomba atômica; mesmo ano em que as forças pró-soviéticas vencem a guerra civil na China. Em 1950, inicia-se a Guerra da Korea, onde o combate entre forças "capitalistas" e "comunistas" consolida a Guerra Fria. Por outro lado, no final da década de 70 é verificada uma turbulência internacional, onde os EUA perdem o Irã como aliado no Oriente Médio, e ocorre a intervenção soviética no Afeganistão. A nível econômico são observados alguns paralelos: depois do "boom" de 1947-1948, a economia americana se retrai em 1949-1950. Da mesma forma, em 1979 o nível de atividade econômica se reduz, e há a expectativa de uma grande recessão.

Os efeitos do *Rearming America* puderam ser observados em vários níveis. A Chrysler foi uma empresa que se encontrava com sérios problemas financeiros em meados dos anos 70. Devido aos contratos executados com o governo, onde a Chrysler passou a produzir produtos militares (tanque XM-1), seus problemas financeiros foram superados e a empresa cresceu de forma segura e com elevadas taxas de lucro.⁴

Este caso particular da Chrysler permite ilustrar duas características básicas do mercado e produção militar: a) a demanda por produtos militares

⁴ Cypher, J., The Basics Economics of Rearming America, In: *Monthly Review*, nov. 1981, p.14.

geralmente se eleva quando declina os gastos do governo com serviços sociais. O GM funciona como um propulsor para a indústria, em particular para as grandes corporações e b) a taxa de lucro no setor militar é mais elevada que a taxa de lucro no setor civil. Em 1979, a Chrysler obtinha uma taxa de lucro de 78% no setor militar, enquanto sua taxa de lucro no setor civil era negativa.

No ano de 1980, em seu segundo trimestre, o PNB se reduziu de maneira mais rápida em todo o pós-guerra; e especulações eram difundidas de que a economia se aproximava de uma grande crise. De repente, esta ameaça não existia mais. A principal justificativa para esta reviravolta foi o salto de 25 bilhões de dólares em novos contratos militares ocorridos no ano fiscal de 1980. Esta foi uma forte característica do final do Governo Carter, e mantida pelo Governo Reagan, um aumento substancial do orçamento militar.

É importante destacar que a intensa produção de armas neste período foi executada de maneira não voltada para a produção de armas de última tecnologia, mas sim voltadas para a produção de armas "mundanas", como tanques, navios, entre outros. A indústria naval, depois de anos de estagnação, passou para uma situação de crescimento acelerado, uma vez que a frota marítima americana se elevou de 450 navios para cerca de 700 a 800 (estimativa para 1995). Deve-se considerar os efeitos desta expansão sobre os outros setores da economia.

A partir de 1979, além da expansão na produção militar, os EUA optaram por uma política no sentido de assegurar o fluxo de produtos primários do 3º Mundo e mantê-los como aliados. Ao lado da Guerra Fria, este foi um dos objetivos estratégicos dos EUA: a manutenção do *status quo* em áreas de interesse vital, como o Oriente Médio. Esta política estava relacionada à crise mundial que se configurava nos anos 70. Neste contexto, duas mudanças significativas ocorriam dentro da esfera produtiva: a) após a 2ª Guerra Mundial, com os elevados níveis de dispêndio militar, o desenvolvimento tecnológico foi direcionado e promoveu o crescimento da economia, reduzindo os custos de produção e criando novos mercados. Neste período, os GM contribuíram substancialmente para o desenvolvimento de várias indústrias, como a de computadores, aeroespacial, telecomunicações, entre outros e b) de 1950-1970, grande parte das corporações americanas transferiram suas bases de operação para fora do país. Simultaneamente, promoveram uma redução na taxa de formação de capital dos EUA em relação a outros países avançados e mesmo semi-

industrializados. Vale lembrar que muito da tecnologia criada pelos programas militares contribuiu diretamente para a possibilidade das corporações americanas operarem em escala internacional.

No período de 1983-1988 os níveis de GM se elevam em 27% reais, enquanto o orçamento para Estados e Municípios ficam praticamente inalterados. Ademais, em 1930, somente 13% dos gastos dos Estados e Municípios eram destinados para a formação de capital público, contra 30% nos anos 50 e 60.

Uma real compreensão do militarismo nos EUA passa necessariamente por uma análise da magnitude dos gastos com defesa. Os GM nos EUA são no mínimo duas vezes mais importante para a economia do que aparece nas estatísticas do governo. Isto ocorre pelo fato de que são incorporados aos estudos e estatísticas governamentais, somente aquela parcela dos contratos que são efetivamente pagos naquele ano, ou seja, ignoram as obrigações incorridas para o futuro. Mesmo antes da efetivação do contrato, materiais foram pedidos, investimentos feitos e mão-de-obra empregada. Estes por sua vez, estimulam o mercado de bens de capital e de consumo. Somente 2,3,4 ou 5 anos depois do contrato ter sido feito, o Pentágono faz o pagamento às empresas contratadas.

Estatísticas anotam que em cada 10 empregos oferecidos no setor industrial, 1 é oferecido pela indústria bélica (cerca de 4,3 milhões de empregos). Por volta de 825 mil trabalhadores estão engajados no mercado exportador bélico, de 15 bilhões de dólares. Há indicações de que as pesquisas para desenvolvimento no setor militar empregam um terço dos cientistas e engenheiros; e absorvem dois terços dos fundos para pesquisa oferecidos pelo governo federal. Os gastos relacionados com militarismo constituem o oitavo consumidor mundial de petróleo, no ranking das nações que mais consomem petróleo no mundo; e consomem mais que o total da economia da Índia.

Podem ser agregados a estas estatísticas outros elementos, como os benefícios para veteranos, gastos espaciais, o Orçamento do Depto. de Energia (estritamente ligado ao setor militar), entre outros. No ano fiscal de 1980, as despesas com defesa correspondiam a 5,2% do PNB. Se adicionados as despesas com benefícios para veteranos, o orçamento do Depto. de Energia, etc, os gastos atingem 9,5% do PNB.

Com relação à política do *Rearming America*, parece razoável concluir que uma elevação no nível dos GM não terão os mesmos efeitos expansionistas dos anos 50 e 60. Neste período, o aumento nos níveis de GM ocorreu em um contexto fortemente favorável à acumulação de capital: a proximidade com a 2ª Guerra, de onde os EUA retiraram grandes benefícios; habilidade dos planejadores políticos em combinar militarismo, imperialismo e keynesianismo para estimular a economia; e uma sensível falta de liberdade do movimento operário. Na década de 80, com os EUA sem as condições de exercer um domínio econômico sobre o mundo com anteriormente, e tendo rivais dentro da própria esfera capitalista, não são criadas condições sócio-econômicas favoráveis à acumulação.

Por outro lado, para que ocorra uma elevação nos outros itens de gasto do governo, parece ser necessário um aumento na arrecadação de impostos, o que não é condizente com o período de recessão que se configurava no final dos anos 80 e início dos anos 90. E mesmo assim, uma elevação da receita governamental poderia ser, da mesma forma, utilizado para fins militares no caso de reaquecimento da Guerra Fria. Um corte nos GM para elevação de gastos sociais requererá uma reeducação política para reparar os danos ideológicos causados por anos de governo conservador. Redução da máquina militar e expansão do setor público representa uma clara ameaça às prioridades que dominaram a alocação de recursos do governo norte-americano desde 1940.

Com o fim da Guerra Fria, havia expectativas de uma redução global nos níveis de despesa militar. Porém, eventos como o de agosto de 1990 no Oriente Médio, demonstraram que não haverá redução apreciável no orçamento militar dos países desenvolvidos, sobre qualquer circunstância presente.

Contribuindo para este processo de redirecionamento, vários elementos podem ser levantados: a) relativa perda de força da economia americana, e o relativo crescimento das economias européias, sobretudo a japonesa; b) o fim da Guerra Fria e a reestruturação política, social e econômica da URSS, forçou uma reconsideração da força nuclear americana na Europa; c) os dois déficits americanos: o déficit fiscal e o déficit do Balanço de Pagamentos; d) a desindustrialização americana, que levanta questões

centrais de competitividade internacional americana e a defesa de sua base industrial, em particular na indústria de alta tecnologia e e) crescente ênfase no controle militar sobre o 3º Mundo, para assegurar estabilidade à economia americana e "segurança nacional".

A tensão internacional cria necessidade de uma maior capacidade de intervenção militar, onde os seguintes fatores acentuam esta tensão: a) necessidade de petróleo; b) necessidade de manter estabilidade no comércio internacional; c) crescente dependência americana de componentes importados do 3º Mundo; d) crescente dependência da base industrial militar americana de componentes importados do 3º Mundo; e) necessidade contínua de acesso ao 3º Mundo; f) necessidade crescente de minérios localizados nos países periféricos; g) necessidade de manter o equilíbrio regional de forças; h) necessidade de manter contato amigável com outros governos e i) necessidade de conter o crescimento do gasto militar nos países do 3º Mundo.

Alguns analistas entendem que o vázio deixado pelo fim da Guerra Fria pode ser substituído por conflitos de média intensidade, como a Guerra Iraque-EUA, onde fica evidente que forças militares de países do 3º Mundo, com equipamentos de alta tecnologia, podem entrar em conflito com os EUA.

No que tange à relação entre GM e macroeconomia, uma nova fase emerge com o fim da Guerra Fria. Examinando a evolução desta relação, podem ser distinguidos três fases desde a 2ª Guerra Mundial:⁵

1. Militarismo Keynesiano (1947-1978): sob a conduta da Guerra Fria, a produção de armas serviu como função econômica, a partir da inserção de políticas de alto nível de emprego. Os GM foram utilizados para combater tendências cíclicas a nível macroeconômico, enquanto promovia uma ajuda ao processo produtivo, através de novos produtos e novos processos tecnológicos.

2. Militarismo Redistributivo (1978-1988): tinha como características: a) uma expansão da aquisição militar sem precedentes, tanto a nível relativo como absoluto e b) aumento nas margens de lucro e um maior volume de negócios. Neste sentido, houve um substantivo incremento na relação entre desenvolvimento armamentista e déficit público.

⁵ Cypher, J., Military spending after the cold war, In: *Journal of Economics Issues*, vol. XXV, n.2, June 1991, p.607-615.

3. Militarismo Global (1988-...): tem como sustentação a possibilidade de intervenções rápidas em países do 3º Mundo. Acima de tudo, o orçamento militar para os anos 90 não deve ser reduzido em relação aos níveis da década anterior, porém a natureza da aquisição sofrerá uma transformação fundamental. Não serão produzidos equipamentos de larga proporções, projetados para um conflito Leste-Oeste, mas sim sistemas "secretos" especializados em intervenções rápidas. A consolidação do militarismo global deve vir seguido de uma apreciável redução do déficit público. Estabilização keynesiana e estratégias de crescimento, enquanto consideradas em um segundo plano, são um determinante do tamanho, *timing* e composição dos GM.

O militarismo global deve ser consolidado por algumas características do jogo de forças a nível mundial: a) interesses americanos que incluem o controle global das reservas petrolíferas; b) países hostis do 3º Mundo podem interromper linhas marítimas vitais e ocupar pontos chaves, e c) os EUA devem estar preparados para ploriferação nuclear no 3º Mundo.

Existe uma linha de pensamento que entende que os países do 3º Mundo não têm interesse em causar este nível de conflito por recursos minerais, uma vez que a sobrevivência destas economias está ligada com o próprio comércio internacional destes recursos. Os analistas que defendem este argumento, chamam a atenção para o fato de que os EUA não podem estar militarmente preparados e dispostos para agir em qualquer parte do globo, porque a nova era em que os GM se encontram, colocam os EUA com uma série de restrições graves para agirem da forma que bem entendam.

Por fim, o militarismo global tem apresentado dois atributos centrais: a) há um esforço em definir os interesses vitais americanos, como expandir seu domínio sobre a maioria, ou totalidade, dos países do 3º Mundo, e a criação de novas capacidades intervencionistas. Diferentemente da Guerra Fria, a nova política inclui uma doutrina mais mortal e exterminadora, e b) a reestruturação militar americana está inevitavelmente atrelada ao relativo declínio de poder, onde estratégia militar, econômica e política estão unidos.

A indústria armamentista americana não pode ser tomada como um simples setor, dentro da malha industrial norte-americana. O setor de produção armamentista constitui um bloco, cujas normas de regimento são totalmente distintas das do resto da economia. Neste sentido, existe o mais variado grupo de pessoas envolvidos, entre eles, generais, homens de negócios, altos funcionários públicos, banqueiros e uma vasta gama de políticos.

A indústria armamentista é caracterizada por: 1) extrema heterogeneidade da produção, envolvendo a produção de aviões, navios, radares, sistema de comunicações, informática, entre outros; 2) são mercados cuja produção é altamente concentrada. As cinco primeiras empresas do mercado detem cerca de 20% do mercado, as 25 primeiras detem cerca de 50% do mercado, e as 100 primeiras detem cerca de 70% do mercado;

As primeiras dez contratantes do Ministério da Defesa⁶

	Contratos (em milhões de US\$, 1983)	Vendas (em milhões de US\$, 1983)	Classificação "Fortune"
1.General Dynamics	6.818	7.146	46
2.McDonnell Douglas	6.143	8.111	42
3.Rockwell International	4.545	8.098	43
4.General Electric	4.518	26.797	10
5.Boeing	4.423	11.129	27
6.Lockhead	4.006	6.490	50
7.United Technologies	3.867	14.669	18
8.Tenneco	3.762	14.363	19
9.Howard Hughes Medical Inst.	3.240	4.938	-
10.Raytheon	2.728	5.937	59

3) alta tecnologia dos produtos é imperativo neste mercado, uma vez que a diferença de performance entre os produtos pode significar o destino de

⁶ Bellon, B., *L'interventionnisme libéral*, Ed. Economica, Paris, 1986, p.114.

um eventual combate. Assim, esta indústria permite uma alta implementação de programas de pesquisa; 4) as decisões são de longo prazo. O prazo para desenvolvimento de um novo sistema de defesa é de 7 a 10 anos, e o prazo de produção deste sistema é de 3 a 5 anos; e 5) as barreiras à entrada são quase intransponíveis.

Dentro desta indústria, os programas de P & D constituem-se basicamente de pesquisas aplicadas. O desenvolvimento de protótipos ocorre primeiramente através das empresas privadas, e secundariamente pelas universidades e laboratórios do governo. A cronologia do desenvolvimento e produção é o seguinte: testes, produção de protótipos, primeira fabricação, e demonstração de produtos.

Pesquisa e desenvolvimento militar para o ano
de 1985 (em bilhões de dólares)⁷

Tecnologia de base	3,1
Novas tecnologias	2,8
Programas estratégicos	8,4
Programas táticos	9,5
Comunicação e serviços secretos	4,0
Suporte a missões de defesa	3,7
Total	31,5

Os efeitos sobre o desenvolvimento tecnológico do setor civil da economia são bem evidentes, segundo Bellon⁸, o saldo líquido de transferência de tecnologia entre o setor civil e militar, é negativo para este último. O essencial das despesas em P & D do setor militar concentram-se em tecnologias específicas, pouco utilizáveis pelo setor civil. Por exemplo, sistemas de detecção e rastreamento eletrônicos, equipamentos de reconhecimento e sobrevivência, radares, entre outros. Neste sentido, hoje em dia, 90% do gasto em P & D do Pentágono não exercem nenhum tipo de efeito sobre o desenvolvimento de P & D do setor civil. Durante a década de 50 e 60, quando eram desenvolvidos computadores, sistemas de comunicação, entre outros, o setor civil recebia transferência de tecnologia do setor militar, uma vez que era neste setor que ocorriam os maiores desenvolvimentos.

7 Bellon, B., *L'interventionnisme libéral*, Ed. Economica, Paris, 1986, p.117.

8 Bellon, B., *L'interventionnisme libéral*, Ed. Economica, Paris, 1986, p.118.

**Compras Governamentais de Bens e Serviços,
Porcentagem em Relação ao Produto Nacional
Bruto, Médias Anuais, 1902-1987**

	Total de Compras do Governo (%)	Federal Militar (%)	Federal Não-Militar (%)	Estados e Municípios (%)
1902	6.7		2.1	4.6
1913	7.0		2.3	4.7
1929	8.6		1.4	7.1
1933	14.8		3.9	10.9
1939-40	14.5	1.8	4.1	8.6
1946-49	13.1	5.3	2.0	5.8
1950-54	19.4	10.8	1.8	6.8
1955-59	19.5	9.7	1.5	8.3
1960-64	20.2	8.6	2.2	9.4
1965-69	21.3	8.3	2.3	10.6
1970-74	20.5	6.3	2.3	12.0
1975-79	19.5	5.1	2.4	12.0
1980-84	19.7	5.9	2.3	11.5
1985-87	20.5	6.5	2.1	11.9

Fonte: U.S. Bureau of Census (1975), 224, 1120-21, e U.S. President, 248-49

tabela 01

**Total de Gastos Governamentais,
Porcentagem em Relação ao Produto Nacional
Bruto, Médias Anuais, 1902-1987**

	Total de Gastos do Governo (%)	Compras Governamentais (%)	Transferências (%)
1902	7.3	6.7	0.6
1913	7.6	7.0	0.6
1929	9.9	8.6	1.3
1933	19.1	14.8	4.3
1939-40	18.8	14.5	4.3
1946-49	20.8	13.1	7.7
1950-54	25.3	19.4	5.9
1955-59	25.9	19.5	6.4
1960-64	27.7	20.2	7.5
1965-69	29.3	21.3	8.0
1970-74	31.2	20.5	10.6
1975-79	31.9	19.5	12.4
1980-84	34.0	19.7	14.3
1985-87	34.9	20.5	14.5

Fonte: U.S. Bureau of Census (1975), 224, 1120-21, e U.S. President, 248-49,342

tabela 02

Evidências de 1950 a 1990

Antes de iniciar qualquer investigação acerca de possíveis relações entre o GM americano, e o dinamismo de sua economia, gostaria de destacar alguns pontos que considero relevantes.

Analisando as diversas variáveis que permitam extrair algum tipo de relação entre GM e nível de atividade econômica, tenho claro que se trata do estudo de uma economia com características particulares. Neste sentido, ao observar a economia americana, entendo que a posição hegemônica que desfruta é resultado de um determinado desenvolvimento histórico, cujas características lhes são próprias. Como coloca O'Connor,¹ “claramente, o desenvolvimento histórico específico de um país ou de uma região é fator crucial determinante da *mistura* de gastos bélicos e previdenciários”.

Desta maneira, países outros que apresentaram no pós-guerra um crescimento significativo de suas economias, não possuíam nem possuem necessidades de um complexo industrial-militar da magnitude do americano, e nem por isso deixaram de conduzir suas economias rumo a um desenvolvimento econômico sustentado.

Minha preocupação é não deixar nenhuma sugestão de que elevados níveis de despesa militar são uma necessidade, ou uma regra para atingir elevados níveis de atividade econômica.

Neste mesmo sentido, no caso dos EUA, tenho certeza de que a investigação não conduzirá a uma relação de causa e efeito mecanicista, sugerindo que os GM são necessários para sustentar o dinamismo econômico americano. O GM deve ser entendido como uma variável relevante, entre outras, para o vigor da economia americana.

¹ O'Connor, J., *USA, a crise do estado capitalista*, cap.1, trad. João Maia, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977,(grifo meu).

Esta década é marcada sobretudo pela posição hegemônica dos EUA, sendo que sua participação na 2ª Guerra, e o seu papel na reconstrução européia, tiveram importância decisiva para este resultado.

A despeito do franco período de crescimento, Duboff² identifica dois períodos recessivos durante os anos 50. O primeiro deles de julho de 1953 a maio de 1954; e o segundo de agosto de 1957 a abril de 1958, recessão esta mais vigorosa que a primeira. Este segundo período recessivo, apesar de abranger um período menor que o primeiro, promoveu um declínio real de 3,5% do PNB, ao passo que a redução no produto industrial foi de 13,5%, a segunda maior redução no pós-guerra (somente menor que a redução na produção industrial da recessão de 1973-1975). A taxa de desemprego atingiu a elevada marca de 7,6%, e a utilização de capacidade produtiva reduziu-se para 72,4%.

Em valores constantes do dólar de 1982, a variação do PNB ao longo dos anos 50 foi de 35,3%, o que corresponde a um crescimento médio anual do PIB de 3,9%. Durante esta década, dois períodos apresentaram crescimento negativo do PIB, em valores constantes. Em 1954, o PIB reduziu-se em 1,3%, e em 1958 reduziu-se em 0,8%.³ Para a década de 50, observar as tabelas 01, 02 e 03 nas páginas 56 e 57.

Como foi colocado, a década de 50 revelou um desempenho extremamente favorável da economia americana. Passo a observar de que maneira as variáveis consumo (C), investimento (I) e gasto governamental (GG) se comportaram dentro desta década.

A participação do C/PNB mantém-se quase constante ao longo dos anos 50. Em 1950 esta relação foi de 66,6%, em 1954 foi de 64,3%, em 1959 de 64,0%. A média da relação C/PNB para a década foi de 63,5% (na década de 60 a média é de 62,9% e na de 70 é de 63,2%). Fica caracterizado um equilíbrio na participação do C/PNB, em específico para os anos 50.

2 Duboff, R., *Accumulation and power. An economic history of the United States*, p.94.

3 A divergência destes números em relação aos do parágrafo anterior é devido à diferença no período de mensuração. Duboff verifica a variação ocorrida ao longo do período recessivo, que foi de 10 meses para a recessão de 1953/54, e 8 meses para a recessão de 1957/58. Os dados apresentados neste parágrafo são extraídos do Economic Report of the President 1987 e 1992, tomados por períodos trimestrais e ajustados para o período anual; independente do início ou fim dos períodos recessivos e/ou expansivos.

Em função dos períodos recessivos assinalados nos anos 50, dois momentos distintos no tocante a participação do I/PNB podem ser destacados. O primeiro período é relativo aos anos 1950/54. Em 1950 e 1951, anos de crescimento econômico, a relação I/PNB é 19,1% e 18,1% respectivamente. A partir de 1952 até 1954 a relação é declinante; 15,2% em 1952, 14,7% em 1953 e 14,5% em 1954. O segundo período se refere aos anos 1955-59. Com a nova retomada do crescimento em 1955, 1956, a relação I/PNB eleva-se para 17,1% e 16,9% respectivamente. Com o posterior período recessivo, a relação I/PNB reduz-se para 15,7% em 1957 e 13,9% em 1958. A média da relação I/PNB para os anos 50 é de 16%.

Cabe enfim verificar o comportamento do GG ao longo dos anos 50. Em 1950, a relação GG/PNB equivalia a 13,4%. Eleva-se para 22,2% em 1953, reduz-se para 20,7% em 1958, para em 1959 atingir 19,9%. O fato que merece ser destacado quando observa-se a variação do GG/PNB ao longo dos anos 50, é o salto dado entre os anos de 1950-51. Em valores nominais⁴, a variação do GG no ano de 1951 em relação a 1950 é de 59,6%, enquanto a variação respectiva do PNB entre estes 2 anos é de 15,6%. O salto dado pelo GM entre 1950-51 é o responsável direto pela variação significativa do GG. A variação do GM em valores nominais foi de 136,3%, contra uma variação nominal dos GNM de 2,1%, e uma variação nominal de GEM de 10,1%⁵. Portanto, se o relativo crescimento dos anos 50 pode estar associado à variação significativa do gasto público (uma vez que, como visto, o C não variou significativamente; e I variou de forma cíclica), e o GM foi responsável direto por este aumento do GG, não podemos deixar de vincular, neste período em específico, o crescimento das despesas com defesa ao dinamismo econômico observado.

Tendo em vista a participação crescente do GG frente ao nível de atividade econômica, nos cabe investigar como se deu a distribuição do gasto público em três parcelas fundamentais: o gasto militar (GM), o gasto não militar (GNM), e o gasto dos estados e municípios (GEM).

No ano de 1950, a relação GM/GG foi de 36,8%. Em 1951 salta para 55,9%, em 1952 atinge 60,9%. A partir de então reduz-se para 51,0% em 1957, e em 1959 a relação GM/GG foi de 46,8%. A média para a década de 50 foi de 51,6%, muito superior a média para os anos 60, 41,5%, e quase duas

⁴ Dados em valores nominais devido ausência de dados em valores reais no Economic Report of the President para estes períodos. Como são utilizados para comparação com outros valores nominais, a análise não fica viesada.

⁵ De 1950 para 1951.

vezes a média dos anos 70. O ano de 1952 marca a maior relação GM/GG de todos os tempos, 60,9%.

A participação do GNM/GG em 1950 foi de 12,1%. Reduz-se para 10,7% em 1954 e para 8,7% em 1958. A média da relação GNM/GG para os anos 50 foi de 9,3%. A tendência para as décadas seguintes é de ligeiro crescimento, porém sem alterações significativas.

A relação GEM/GG reduziu-se de forma significativa nos anos 50. Em 1950 a participação do GEM no conjunto do gasto público foi de 51,1%, em 1954 foi de 34,6%, e em 1959 foi de 42,3%. O ano do pós-guerra com menor participação do GEM no conjunto do gasto público foi o ano de 1953, com 30,2%. A média para a década de 50 foi de 35,3%, contra 47,0% na década de 60 e 58,1% na década de 70.

A taxa de variação acumulada do GM em relação à taxa de variação acumulada do GG é de 144,6%. Por outro lado, a taxa de variação acumulada do GEM em relação à taxa de variação acumulada do GG é de 71,6%. Esta comparação revela outro indício do crescimento da participação dos gastos com defesa no conjunto dos gastos públicos, sobretudo no início dos anos 50.

Em 1950, a participação GM/PNB foi de 4,9%, saltando para 13,7% em 1953 (participação mais elevada no pós-guerra), em 1956 foi de 9,5%, e em 1959 de 9,3%.

Refletindo o bom momento pelo qual passou a economia norte-americana neste período, a taxa de desemprego média foi de 4,3%, inferior à média dos anos 60, guardando maior distância ainda da média da década de 70, com 6,1%. O ano de 1953, ano de maior relação GM/PNB, foi o ano com menor taxa de desemprego em todos os 40 anos analisados, com 2,8%.

Tendo claro de que maneira estas variáveis relevantes se comportaram durante os anos 50, podemos chegar a conclusão de que os GM tiveram uma importância decisiva, de primeira ordem, na dinâmica da economia americana. Naturalmente, não podemos inferir que o GM foi a única variável relevante; porém frente aos indícios apresentados, sobretudo o magnífico salto dado pelas despesas militares de 1950 a 1953 (além da elevada relação GM/PNB e GM/GG para toda a década), o GM não pode ser deslocado para um papel secundário em um momento em que a economia americana crescia às maiores taxas já observadas. Por outro lado, esta importância significativa do GM para os anos 50 pode ter levantado

suspeitas em Baran e Sweezy de que tais elementos tornariam-se indispensáveis para conter a tendência à estagnação inerente às economias capitalistas. Não pretendo de maneira alguma defender esta teoria estagnacionista, sobretudo pela sua simultaneidade com o mais prolongado ciclo expansivo do pós-guerra, na década de 60 (a obra de Baran e Sweezy é publicada no ano de 1966). Porém, o elevado peso do GM nos anos 50 (e ainda nos anos 60), fornece subsídio para estes teóricos colocarem o GM como uma variável central para conter, ou aliviar a tendência à estagnação econômica, dentro de seu espectro teórico.

A economia americana e o gasto militar na década de 60

Duboff⁶ aponta na década de 60 dois períodos recessivos. O primeiro deles de abril de 1960 a fevereiro de 1961; e o segundo de dezembro de 1969 a novembro de 1970. Tais períodos recessivos não são os mais breves do pós-guerra, mas são aqueles onde houveram as menores taxas de declínio real do PNB. Para o primeiro período a redução foi de 1,0%, enquanto no segundo foi de 1,1%.

Porém, o elemento que mais chama a atenção na década de 60 é a prolongada fase de crescimento. São quase uma década completa entre os dois períodos recessivos apontados. Apesar da média de crescimento do PNB na década de 60 ser inferior à média de crescimento da década anterior, nos 40 anos observados não existe um período tão prolongado de “boom econômico”. Se fosse esperado um movimento cíclico semelhante à década anterior, na metade dos anos 60 a economia americana deveria experimentar um período recessivo. A elevação nos níveis de GM em função da Guerra do Vietnã contribuiu para o prolongamento do ciclo expansivo. Para a década de 60 observar as tabelas 04, 05 e 06 nas páginas 57 e 58.

O crescimento do PNB em valores constantes do dólar de 1987 na década de 60 foi de 45,8%, correspondendo a um crescimento médio anual do PIB de 4,0%. Durante os anos 60, nenhum ano é marcado por uma redução real do PNB, muito pelo contrário, observa-se uma das maiores taxas de crescimento do PNB real⁷. Passo a observar o comportamento das variáveis

6 Ibid: p.94.

7 Estes dados não afrontam os números levantados por Duboff. Este autor indica redução real do PNB nos períodos recessivos, enquanto os dados levantados do Economic Report of the President, são por períodos anuais, independentemente do início ou fim do período recessivo coincidir ou não com os períodos anuais.

consumo, investimento e gasto público em relação ao nível de atividade econômica.

A relação C/PNB é praticamente constante ao longo dos anos 60. Em 1960 equivale a 64,3%, em 1964 a 63,1% e em 1969 a 62,9%, revelando uma razoável estabilidade da participação do consumo em relação ao nível de atividade econômica.

De forma inversa, a participação do I/PNB é ligeiramente crescente ao longo dos anos 60. O I estava praticamente estagnado entre 1959 e 1961, abaixo dos 300 bilhões de dólares em valores constantes do dólar de 1987. No ano de 1962 eleva-se substancialmente, para 321,2 bilhões de dólares; acelerando ainda mais até o ano de 1966, com 438 bilhões de dólares. Este período coincide com a prática de políticas econômicas expansivas dos governos Kennedy e Johnson. No ano de 1967 o I contrai-se para 418 bilhões de dólares, talvez em função da política de aperto monetário de 1966. A média da participação relativa do investimento em relação ao PNB na década de 60 é de 15,6%.

Em função da relativa estabilidade da participação do C e I em relação ao PNB, parece razoável supor que a participação do GG em relação ao nível de atividade não tenha se alterado bruscamente durante os anos 60. Em 1960, a participação GG/PNB foi de 19,3%, em 1964 de 19,6%, e em 1969 foi de 20,8%. A média para os anos 60 foi de 20,1%, ligeiramente superior à média dos anos 50, de 19,2%. Cabe agora verificar a distribuição do total do gasto público para seus diversos fins.

O nível de gasto com defesa durante a década de 60, em valores nominais, foi sempre crescente. Porém, sua participação em relação ao gasto público foi decrescente ao longo do período. Em 1960, a relação GM/GG foi de 45,3%, em 1964 foi de 39,2%, e finalmente em 1969 foi igual a 39,0%. Para a década de 60, a menor participação relativa do GM/GG foi no ano de 1965, com 37,4%. Entretanto, esta participação foi superior à maior relação GM/GG da década de 70, no ano de 1970 com 36,1%. A média da relação GM/GG para década de 60 foi de 41,5%, contra uma média na década anterior de 51,6%.

A participação do GNM é crescente até a metade do período, e decrescente da metade ao final da década. Em 1960 a relação GNM/GG foi de 10,0%, saltando para 13,5% no ano de 1965, reduzindo-se para 10,7% em 1969. A média da relação GNM/GG para a década de 60 foi de 11,4%, superior à média dos anos 50 de 9,3%.

A década de 60 consolidou a tendência de crescimento da participação relativa do GEM/GG. No ano de 1960, a relação foi de 44,7%, em 1965 sobe para 49,1%, atingindo em 1969, 50,3%. Este movimento é constante até o início dos anos 80, quando ocorre um reaquecimento dos gastos com defesa (política do *Rearming America*).

Em valores nominais, o GEM supera o GM no ano de 1963, sendo GEM igual a 55,8 bilhões de dólares contra 51,5 bilhões de GM. Até então, o nível de gastos com defesa foi sempre superior ao GEM. A taxa de variação acumulada do GEM, em relação à taxa de variação do GG é de 124% para a década de 60, contra uma variação acumulada do GM em relação à taxa de variação do GG de 72%. A média da participação GEM/GG na década de 60 foi de 47%.

Como foi anotado, as transferências devem ser excluídas dos GG. Durante a década de 60 as transferências crescem 136,5% em valores nominais, reforçando a tendência de crescimento deste item. Somente nos anos 70, as transferências superarão o nível de GM, porém em 1969 a relação GM/transferências era de 113,8%, contra 154,6% no ano de 1960.

Corroborando os indícios de redução da participação relativa dos gastos com defesa em relação ao conjunto dos gastos públicos, a participação dos gastos com defesa em relação ao nível de produto é decrescente ao longo dos anos 60. Em 1960 a relação GM/PNB foi de 8,7%, caindo para 7,2% em 1965, e elevando-se para 8,1% em 1969, em função da Guerra do Vietnã. A média da relação GM/PNB para os anos 60 é de 8,3%, inferior à média dos anos 60. A tendência cristalina é de redução da participação dos gastos com defesa em relação ao conjunto dos gastos públicos, apesar da participação do GG/PNB ser crescente até meados dos 60, para depois estabilizar-se nas décadas seguintes.

A taxa de desemprego é decrescente ao longo dos anos 60. A média foi de 4,6%, contra uma média quase semelhante na década anterior, 4,3%. Em função do período recessivo de 1960/1961, a taxa de desemprego é elevada no ano de 1961, com 6,5%. Com a retomada do crescimento econômico, reduz-se para 4,4% em 1965, e para 3,4% em 1969.

Em contraste com a década anterior, coube ao GM um papel no mínimo secundário para determinar o dinamismo econômico dos anos 60 da economia americana. Como foi colocado, a Guerra do Vietnã contribuiu para o prolongamento do ciclo expansivo. Porém, no conjunto do GG é observado um crescimento acentuado do GEM, além de um crescimento não menos vigoroso das transferências.

Na década de 70, um intenso período recessivo é apontado por Duboff⁸, ocorrendo de novembro de 1973 a março de 1975. Esta recessão foi a mais intensa para a economia americana até então, desde o final da 2ª Guerra. O declínio real do PNB foi cerca de 4,3%, sendo a produção industrial reduzida em 14,8%. A taxa de desemprego atingiu uma das mais altas da história, com 9,1%, superior às taxas de todos os períodos recessivos desde final dos anos 40. O grau de utilização da capacidade produtiva foi o segundo menor nos anos 40 observados, atingindo 69,0%, superior somente à utilização de capacidade da recessão de 1981/82, com 68,8% de utilização da capacidade instalada.

Durante os anos 70, o crescimento real do PNB foi de 32,8%. Dois anos, porém, apresentam um crescimento negativo do PIB. Em 1974, o PIB reduziu-se 0,6% em relação ao período anterior. Ainda em 1975 reduziu-se 0,8% em relação a 1974. Na média, a taxa de crescimento do PIB nos anos 70 foi de 2,8%, contra um crescimento médio na década de 60 de 4,0%. Para a década de 70 observar as tabelas 07, 08 e 09 nas páginas 59 e 60.

Tendo claro que o dinamismo econômico dos EUA na década de 70 foi substancialmente inferior ao da década anterior, passo a observar como as variáveis consumo, investimentos e gasto público se comportam ao longo dos anos 70.

A relação entre consumo/PNB mantém-se quase constante ao longo dos anos 70, em relação ao período anterior. Na década de 60, a participação média C/PNB foi de 62,9%, enquanto na década de 70, a média para esta relação foi de 63,2%. Para o ano de 1970, a participação do C/PNB foi de 63,5% enquanto no ano de 1979 foi de 62,8%, caracterizando um forte equilíbrio na participação do consumo em relação ao nível do produto.

Observando a participação do investimento em relação ao PNB para o mesmo período, a conclusão obtida é diferente da do parágrafo anterior. A média de participação I/PNB para os anos 60 foi de 15,0%, enquanto na década de 70 foi de 16,8%. Embora a diferença possa não parecer significativa, a tendência ao longo dos anos 70 da participação do I/PNB é de crescimento. Dentro desta década, três períodos marcantes podem ser destacados. De 1970-1973, o investimento cresce substancialmente. Em

8 Ibid: p.94.

valores reais de dólar de 1987, o I salta de 429,7 bilhões de dólares em 1970 para 591,7 bilhões em 1973. Nos anos recessivos de 1974-1975, o I reduz-se para 543 bilhões em 1974, e para 437,6 bilhões em 1975. Com a retomada do crescimento econômico, eleva-se para 600,4 bilhões em 1977, e para 669,7 bilhões em 1979 (todos em valores reais do dólar de 1987).

Constatação inversa é obtida ao investigar a relação gasto público e nível de produto. Na década de 60, a média da relação GG/PNB foi de 20,1%, para na década de 70 reduzir-se para 19,2%. A tendência da relação GG/PNB é de queda. Em 1970 foi de 20,9%, para em 1979 cair para 17,7%.

A participação do GM no conjunto dos gastos do governo é declinante ao longo dos anos 70. Em 1970, a relação GM/GG foi de 36,1%, em 1975 de 27,8%, e em 1978 atinge a menor participação em todo o pós-guerra, 26,9%. A média da relação GM/GG para a década de 70 foi de 29,6%, contra 41,5% na década anterior; revelando uma mudança fundamental na estrutura do gasto público norte-americano. Em valores reais do dólar de 1987, o nível de despesa militar reduz-se de 209,6 bilhões de dólares em 1972, para 185,1 bilhões em 1979.

Se a participação do GM/GG reduz-se drasticamente, a participação do GNM mantém-se quase constante. Em 1970 esta relação foi de 10,9%, em 1975 de 12,3%, em 1979 de 12,9%. A média para os anos 70 foi de 12,2%, enquanto nos anos 60 foi de 10,2%.

De outro lado, a relação GEM/GG elevou-se na década de 70, porém a magnitude desta elevação é que merece ser destacada. No ano de 1970, a relação GEM/GG foi de 53,0%, em 1975 de 59,9%, atingindo em 1979, 60%. A média da relação GEM/GG foi de 58,1% na década de 70, contra uma média de 47% nos anos 60, confirmando uma mudança significativa na estrutura do gasto público norte-americano. Em valores reais do dólar de 1987, GEM salta de 350,9 bilhões de dólares em 1970, para 417,6 bilhões em 1979. Neste mesmo ano, o montante de GEM é cerca de 2,25 vezes maior que o montante de GM. Devemos recordar que até o ano de 1963, o volume de GM era superior ao GEM. A taxa de variação acumulada do GM em relação à variação acumulada do GG é de 53% nos anos 70. Por outro lado, a taxa de variação acumulada do GEM em relação à taxa de variação acumulada do GG é de 126%.

Corroborando estes indícios, a relação GM/PNB cai acentuadamente nos anos 70. Em 1970, a participação do gasto com defesa em relação ao nível de produto foi de 7,5%, em 1975 de 5,6%, e em 1979 de 4,8%. A média da

participação GM/PNB na década de 70 foi de 5,7%, contra 8,3% nos anos 60.

O item transferências cresce de maneira significativa nos anos 70, tendência que já era visível nos anos 60. Durante a década de 70, as transferências crescem 218,4% em valores nominais.⁹ Em valores nominais, no ano de 1970 as transferências superam o nível de GM, atingindo 83,8 bilhões de dólares, contra 76,8 bilhões dos GM. A relação GM/transferências para o ano de 1970 foi de 91,6%, e em 1979 de 45,6%, o que significa dizer que o valor dos gastos com defesa não atinge nem a metade dos gastos com transferências. Devemos recordar que no ano de 1960 esta relação foi de 154,6%, ou seja, o nível de GM foi superior 54,6% ao nível de gastos com transferências.

Refletindo a queda no nível de atividade econômica, a taxa de desemprego atinge em 1975 o segundo maior índice de desemprego desde o fim da 2ª Guerra, com 8,3% dos trabalhadores desempregados. De 1970-1975, a taxa de desemprego é crescente (1970 com 4,8%), e a partir de 1976 até 1979 é decrescente (1979 com 5,8%). A média das taxas de desemprego da década de 70, comparado com a média da década anterior revela a perda de dinamismo da economia americana ao longo destas duas décadas. A média das taxas de desemprego para a década de 60 foi de 4,6%, contra a elevada média de 6,1% para a década de 70.

A economia americana
e o gasto militar na década de 80

A década de 70, como visto, foi uma década de perda de hegemonia econômica dos EUA. A tentativa imediata de recuperação de sua posição foi a política de *Rearming América*, iniciado no governo Carter e desenvolvido calorosamente pelo governo Reagan.

A despeito de qualquer política no sentido de revitalizar a economia americana, de julho de 1981 a novembro de 1982, a economia americana enfrenta a mais séria recessão desde a 2ª Guerra. O declínio real do PNB atinge 3,4%, a produção industrial declina 11,4%. A taxa de desemprego atinge seu mais elevado pico durante estes meses, com 10,7%. A utilização de capacidade produtiva reduz-se a 68,8%, o mais baixo índice de todos os 40 anos observados⁹.

⁹ Ausência de dados em valores reais no Economic Report of the President.

Em valores reais, o crescimento do PNB ao longo dos anos 80 foi de 26,6%. A média de crescimento do PIB para estes 10 anos foi de 2,4%, em dólares de 1987. Neste período, dois anos revelaram uma redução real no nível de produto norte-americano. Em 1980, foi observado uma redução de 0,5% do PNB; e em 1982 uma redução de 2,2%, esta a maior redução em todo o período estudado. Para a década de 80 observar as tabelas 10, 11 e 12 nas páginas 60 e 61.

Finalizando a série no ano de 1989, podemos observar um crescimento real do produto americano ao longo de quatro décadas. Porém, o resultado revela perda de dinamismo da economia americana. A média de crescimento do PIB nos anos 50 (em dólares de 1982) foi de 3,9%. Na década de 60 foi de 4,0% (em dólares de 1987); na década de 70 foi de 2,8% (também em dólares de 1987); e finalmente nos anos 80 foi o mais baixo de todos, 2,6%. Porém, uma característica interessante dos anos 80 é a prolongada fase de crescimento de fins de 1982 a 1989. A taxa média de crescimento deste período é inferior à taxas anteriores, mas trata-se de um período de aproximadamente 7 anos de ciclo expansivo.

A participação do consumo em relação ao PNB cresce ao longo dos anos 80. Em 1980, a relação C/PNB foi de 63,7%, em 1983 foi de 65,7%, e em 1989 de 67,0%. A média desta relação C/PNB para os anos 80 é de 65,5%. Analisando a série completa, observa-se uma razoável estabilidade da participação do consumo em relação ao nível de produto. A média para os anos 50 foi de 63,5%, para os anos 60, de 62,9% e para os anos 70 de 63,2%. A estabilidade é marcante ao longo das quatro décadas.

A participação do I em relação ao PNB é decrescente ao longo dos anos 80. Em 1980 foi de 17,0%, em 1983 de 15,9%, mesma participação do ano de 1989. A média da relação I/PNB nos anos 80 é de 16,8%. A mesma relação para os anos 50 foi de 16,0%, reduzindo-se nos anos 60 para 15,6%, elevando-se nos anos 70 para 16,8%.

A relação obtida entre GG/PNB ao longo dos anos 80 é estável. Em 1980 foi de 18,4%, em 1983 de 18,9%, e em 1989 de 18,5%. A média da relação GG/PNB nos anos 80 foi de 18,8%. A tendência ao longo da série é de ligeira redução da relação GG/PNB. Para a década de 50, a participação média foi de 19,2%, para a década de 60 foi de 20,1%, e para a década de 70 de 19,2%.

Em função da política implantada pelo governo Reagan, pode-se esperar que a participação relativa do gasto com defesa em relação ao conjunto do

gasto público deva aumentar ao longo dos anos 80. Em 1980 a relação foi de 28,1%, em 1983 de 32,8%, e em 1985 foi de 33,4%, o mais elevado índice da década, porém inferior ao maior índice da década anterior, de 36,1% no ano de 1970. Em 1989 esta relação foi de 30,8%. A média da relação GM/GG nos anos 80 foi de 31,8%, superior em cerca de dois pontos percentuais em relação à década anterior, porém muito inferior às médias dos anos 50, com 51,6%, e dos anos 60, com 41,5%.

Por outro lado, a relação GNM/GG é decrescente ao longo dos anos 80. Em 1980 a relação foi de 13,0%, reduz-se para 11,0% em 1985, e para 10,4% em 1989. A média da relação GNM/GG para os anos 80 é de 11,3%, revelando uma relativa estabilidade ao longo dos 40 anos observados.

E por fim, a participação relativa do GEM/GG é estável durante os anos 80. Em 1980 foi de 58,1%, em 1983 de 55,4%, e em 1989 de 58,8%. Nesta década, a taxa de variação acumulada do GM em relação à taxa de variação acumulada do GG é de 111,5%. Por outro lado, a taxa de variação acumulada do GEM em relação à taxa de variação acumulada do GG é de 99,6%. Este resultado confirma a intenção de mudança da estrutura dos gastos públicos norte-americanos nos anos 80, onde voltou a ser enfatizado a despesa com defesa. A média da relação GEM/GG para os anos 80 foi de 56,8%, contra uma média de 35,3% nos anos 50, 47,8% nos anos 60, e 58,1% nos anos 70. Este componente de gasto teve sua participação relativa substancialmente elevada ao longo de 40 anos, embora nos anos 80 tenha sido reduzida sua participação no conjunto do GG.

A participação do GM/PNB é revelada os resultados da política de *Rearming America*. Esta relação é crescente ao longo da década. No ano de 1980 foi de 5,2%, em 1984 é de 6,1%, em 1987 é de 6,4%, e reduzindo-se para 5,7% em 1989. A média da relação GM/PNB é de 5,9% para os anos 80, superior à média dos anos 70 de 5,7%; porém significativamente inferior à média dos anos 60 de 8,3%.

As transferências, em valores nominais crescem 92,9% durante os anos 80. A relação GM/transferências para o anos de 1980 foi de 44,9%, e no ano de 1989 foi de 48,9%. Apesar desta variação, pode-se considerar uma relativa estabilidade de participação GM/transferências, uma vez que nas três décadas anteriores foi significativa a redução da participação do GM frente ao crescimento acentuado das transferências.

Como já foi notado, a década de 80 foi a que apresentou a menor taxa de crescimento real do produto. A análise da taxa de desemprego consolida

a observação de redução no nível de atividade econômica. Nos anos de 1982-1983 são observados os maiores índices de desemprego em todo o pós-guerra, 9,5%. A média das taxas de desemprego nos anos 80 é de 7,1%, superior à média das três décadas anteriores; década de 50 igual a 4,3%; anos 60 média de 4,6%, e anos 70 média de 6,1%.

PNB, Consumo, Investimento, Gasto público, Net Exports e Transferências dos EUA de 1950 a 1959							
(em valores reais do dólar de 1982 - com exceção das transferências em valores nominais)							
	PNB (US\$ bilhões)	Consumo (US\$ bilhões)	Investimento (US\$ bilhões)	Gasto Público (US\$ bilhões)	Net Exports (US\$ bilhões)	Varição do PNB (%)	Transferências (US\$ bilhões)
1950	1203.0	733.2	234.9	230.8	4.7	8.5	18.0
1951	1328.2	784.7	235.2	329.7	14.6	10.3	14.8
1952	1380.0	771.4	211.8	389.9	6.9	3.9	14.3
1953	1435.3	802.5	216.6	419.0	-2.7	4.0	15.1
1954	1416.2	822.7	212.6	378.4	2.5	-1.3	17.1
1955	1494.9	873.8	259.8	361.3	0.0	5.6	18.5
1956	1525.6	899.8	257.8	363.7	4.3	2.1	19.4
1957	1551.1	919.7	243.4	381.1	7.0	1.7	22.2
1958	1539.2	932.9	221.4	395.3	-10.3	-0.8	26.5
1959	1629.1	979.4	270.3	397.7	-18.2	5.8	27.6

Fonte: Economic Report of the President 1967

tabela 01

Gasto Público e Participação dos Diversos Componentes de Gasto nos EUA de 1950 a 1959						
(em valores nominais)						
	GM (US\$ bilhões)	GNM (US\$ bilhões)	GEM (US\$ bilhões)	GM/GG (%)	GNM/GG (%)	GEM/GG (%)
1950	14.3	4.7	19.8	36.8	12.1	51.1
1951	33.8	4.8	21.8	55.9	7.9	36.2
1952	46.2	6.5	23.1	60.9	8.5	30.6
1953	49.0	3.9	24.8	59.1	10.7	30.2
1954	41.6	6.8	27.7	54.7	10.7	34.6
1955	39.0	6.0	30.3	51.7	8.9	39.4
1956	40.7	5.7	33.3	51.0	7.9	41.1
1957	44.6	5.9	36.9	51.0	7.1	41.9
1958	46.3	8.3	40.8	48.5	8.7	42.8
1959	46.4	10.8	41.8	46.8	10.9	42.3

Fonte: Economic Report of the President 1967

tabela 02

Consumo, Investimento, Gasto Público e Gasto Militar em Relação ao PNB, Taxas de Desemprego de 1950 a 1959					
	C/PNB (%)	I/PNB (%)	GG/PNB (%)	GM/PNB (%)	Taxas de Desemprego (%)
1950	66.6	19.1	13.4	4.9	5.2
1951	62.4	18.1	18.1	10.1	3.2
1952	62.3	15.2	21.5	13.1	2.9
1953	62.5	14.7	22.2	13.1	2.8
1954	64.3	14.5	20.4	11.1	5.4
1955	63.5	17.1	18.5	9.6	4.3
1956	63.1	16.9	18.6	9.5	4.0
1957	63.2	15.7	19.3	9.8	4.2
1958	64.4	13.9	20.7	9.3	6.6
1959	64.0	15.8	19.9	9.3	5.3

Fonte: Economic Report of the President 1987

tabela 03

PNB, Consumo, Investimento, Gasto público, Net Exports e Transferências dos EUA de 1960 a 1969							
(em valores reais do dólar de 1987 - com exceção das transferências em valores nominais)							
	PNB (US\$ bilhões)	Consumo (US\$ bilhões)	Investimento (US\$ bilhões)	Gasto Público (US\$ bilhões)	Net Exports (US\$ bilhões)	Variação do PIB (%)	Transferências (US\$ bilhões)
1960	1985.1	1210.8	290.8	479.2	-7.6	2.2	29.3
1961	2039.0	1238.4	289.4	503.3	-5.5	2.7	33.6
1962	2145.0	1293.3	321.2	525.9	-10.5	5.1	34.7
1963	2234.2	1341.9	343.3	538.7	-5.8	4.1	36.6
1964	2360.8	1417.2	371.8	551.7	2.5	5.6	38.1
1965	2491.9	1497.0	413.0	569.9	-6.4	5.6	41.1
1966	2639.4	1573.8	438.0	628.5	-18.0	6.0	45.8
1967	2707.8	1622.4	418.6	673.0	-23.7	2.6	54.5
1968	2819.8	1707.5	440.1	691.0	-37.5	4.1	62.6
1969	2895.0	1771.2	461.3	686.1	-41.5	2.7	69.3

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 04

Gasto Público e Participação dos Diversos Componentes de Gasto nos EUA de 1960 a 1969						
(em valores nominais)						
	GM (US\$ bilhões)	GNM (US\$ bilhões)	GEM (US\$ bilhões)	GM/GG (%)	GNM/GG (%)	GEM/GG (%)
1960	45.3	10.0	44.5	45.3	10.0	44.7
1961	47.9	10.6	48.4	44.7	9.9	45.4
1962	52.1	13.3	51.4	44.6	11.3	44.1
1963	51.5	14.9	55.8	42.1	12.1	45.8
1964	50.4	17.0	60.9	39.2	13.2	47.6
1965	51.0	18.5	66.8	37.4	13.5	49.1
1966	62.0	19.3	74.6	39.7	12.3	48.0
1967	73.4	19.4	82.7	41.7	11.0	47.3
1968	79.1	20.0	92.3	41.3	10.4	48.3
1969	78.9	21.6	101.3	39.0	10.7	50.3

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 05

Consumo, Investimento, Gasto Público e Gasto Militar em Relação ao PNB, Taxas de Desemprego de 1960 a 1969					
	C/PNB (%)	I/PNB (%)	GG/PNB (%)	GM/PNB (%)	Taxas de Desemprego (%)
1960	64.3	15.2	19.3	8.7	5.4
1961	64.1	14.5	19.9	8.9	6.5
1962	63.2	15.2	20.2	9.0	5.4
1963	63.2	15.3	20.1	8.4	5.5
1964	63.1	15.5	19.6	7.7	5.0
1965	62.7	16.6	19.2	7.2	4.4
1966	62.1	16.8	20.1	8.0	3.7
1967	62.1	15.6	21.4	8.9	3.7
1968	62.4	15.6	21.3	8.8	3.5
1969	62.5	16.0	20.8	8.0	3.4

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 06

PNB, Consumo, Investimento, Gasto público, Net Exports e Transferências dos EUA de 1970 a 1979							
(em valores reais do dólar de 1987 - com exceção das transferências em valores nominais)							
	PNB (US\$ bilhões)	Consumo (US\$ bilhões)	Investimento (US\$ bilhões)	Gasto Público (US\$ bilhões)	Net Exports (US\$ bilhões)	Variação do PIB (%)	Transferências (US\$ bilhões)
1970	2893.5	1813.5	429.7	667.8	-35.2	0.0	83.8
1971	2985.2	1873.7	481.5	655.8	-45.9	3.1	99.4
1972	3128.8	1978.4	532.2	653.0	-56.5	4.8	110.9
1973	3298.6	2066.7	591.7	644.2	-34.1	5.2	126.6
1974	3284.4	2053.8	543.0	655.4	-4.1	-0.6	150.5
1975	3247.6	2097.5	437.6	663.5	23.1	-0.8	189.2
1976	3412.2	2207.3	520.6	659.2	-6.4	4.9	206.5
1977	3568.9	2296.6	600.4	664.1	-27.8	4.5	220.9
1978	3739.0	2391.8	644.6	677.0	-29.9	4.8	238.6
1979	3845.3	2448.4	669.7	689.3	-10.6	2.5	266.9

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 07

Gasto Público e Participação dos Diversos Componentes de Gasto nos EUA de 1970 a 1979						
(em valores reais do dólar de 1987)						
	GM (US\$ bilhões)	GNM (US\$ bilhões)	GEM (US\$ bilhões)	GM/GG (%)	GNM/GG (%)	GEM/GG (%)
1970	-	-	350.9	36.1	10.9	53.0
1971	-	-	361.1	33.0	11.5	55.5
1972	209.6	74.8	386.6	32.0	12.1	55.9
1973	191.3	74.1	378.9	30.0	12.0	58.0
1974	185.8	76.8	392.9	28.6	12.1	59.3
1975	184.9	77.8	400.8	27.8	12.3	59.9
1976	179.9	78.3	401.1	27.3	12.4	60.3
1977	181.6	81.4	401.0	27.4	12.7	59.9
1978	182.1	86.5	408.4	26.9	13.2	59.9
1979	185.1	86.6	417.6	27.1	12.9	60.0

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 08

**Consumo, Investimento, Gasto Público e Gasto Militar em Relação ao PNB,
Taxas de Desemprego de 1970 a 1979**

	C/PNB (%)	I/PNB (%)	GG/PNB (%)	GM/PNB (%)	Taxas de Desemprego (%)
1970	63.5	14.7	20.9	7.5	4.8
1971	63.3	15.8	20.3	6.7	5.8
1972	63.1	16.9	19.8	6.3	5.5
1973	62.2	17.8	18.9	5.6	4.8
1974	62.9	16.6	19.5	5.6	5.5
1975	64.0	14.1	20.0	5.6	8.3
1976	64.0	16.0	19.1	5.2	7.6
1977	63.7	17.2	18.4	5.0	6.9
1978	63.0	19.2	17.9	4.8	6.0
1979	62.8	19.0	17.7	4.8	5.8

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 09

PNB, Consumo, Investimento, Gasto público, Net Exports e Transferências dos EUA de 1980 a 1989
(em valores reais do dólar de 1987 - com exceção das transferências em valores nominais)

	PNB (US\$ bilhões)	Consumo (US\$ bilhões)	Investimento (US\$ bilhões)	Gasto Público (US\$ bilhões)	Net Exports (US\$ bilhões)	Variação do PIB (%)	Transferências (US\$ bilhões)
1980	3823.4	2447.1	594.4	704.2	30.7	-0.5	317.6
1981	3844.4	2476.9	631.1	713.2	22.0	1.8	360.7
1982	3796.1	2503.7	540.5	723.6	-7.4	-2.2	402.7
1983	3939.6	2619.4	599.5	743.8	-56.1	3.9	433.4
1984	4174.5	2746.1	757.5	766.9	-122.0	6.2	447.2
1985	4295.0	2865.8	745.9	813.4	-145.3	3.2	479.5
1986	4413.5	2969.1	735.1	855.4	-155.1	2.9	509.4
1987	4544.6	3052.2	749.3	881.5	-143.0	3.1	531.8
1988	4726.3	3162.4	773.4	886.8	-104.0	3.9	566.2
1989	4840.7	3223.1	789.2	900.4	-75.7	2.5	612.8

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 10

Gasto Público e Participação dos Diversos Componentes de Gasto nos EUA de 1980 a 1989						
(em valores reais do dólar de 1987)						
	GM (US\$ bilhões)	GNM (US\$ bilhões)	GEM (US\$ bilhões)	GM/GG (%)	GNM/GG (%)	GEM/GG (%)
1980	194.2	90.6	419.4	28.1	13.0	58.9
1981	206.4	89.4	417.4	29.8	13.0	57.2
1982	221.4	84.7	417.6	31.8	11.9	56.3
1983	234.2	86.6	423.0	32.8	11.8	55.4
1984	245.8	85.1	436.0	33.3	11.1	55.6
1985	265.6	89.5	458.2	33.4	11.0	55.6
1986	280.6	92.4	482.4	33.2	10.9	55.9
1987	292.1	92.9	496.6	33.1	10.5	56.4
1988	287.0	90.2	509.6	32.1	9.9	58.0
1989	280.7	94.4	525.3	30.8	10.4	58.8

Fonte: Economic Report of the President 1992

tabela 11

Consumo, Investimento, Gasto Público e Gasto Militar em Relação ao PNB, Taxas de Desemprego de 1980 a 1989					
	C/PNB (%)	I/PNB (%)	GG/PNB (%)	GM/PNB (%)	Taxas de Desemprego (%)
1980	63.7	17.0	18.4	5.2	7.0
1981	62.8	18.2	18.3	5.4	7.5
1982	64.7	15.8	19.1	6.0	9.5
1983	65.7	15.9	18.9	6.2	9.5
1984	64.7	18.9	18.4	6.1	7.4
1985	65.8	17.6	19.0	6.3	7.1
1986	66.6	16.7	19.4	6.4	6.9
1987	67.1	16.4	19.3	6.4	6.1
1988	67.1	16.1	18.7	6.0	5.4
1989	67.0	15.9	18.5	5.7	5.2

Fonte: Economic Report of the Presidente 1992

tabela 12

Poderia até parecer sensato, sob o título de conclusão, elaborar um breve resumo acerca do conteúdo do trabalho executado, sintetizando as principais questões levantadas. Entretanto, tal solução não me agrada, primeiro pelo caráter repetitivo que poderia conter; e segundo pelo fato de que gostaria de anexar alguns pontos que considero relevantes.

A nível estritamente econômico, o gasto militar teve um papel extremamente relevante para a economia americana nos anos 50. A importância relativa do gasto militar como fator dinamizador da economia é decrescente nos anos seguintes. Porém, não podemos deixar de lembrar a tendência declinante da participação do gasto militar em relação ao conjunto do gasto público norte-americano, e também em relação ao nível de renda. A controvérsia em torno da determinação de em que medida o gasto militar é uma variável importante para a economia americana, como vimos, é muito grande. A despesa militar é um item de gasto público, e assim, a discussão necessariamente abrange a eficácia dos outros itens de gasto público como elementos dinamizadores da economia.

A esta altura, não desejaria prolongar esta problemática, uma vez que foi razoavelmente desenvolvida ao longo do trabalho. Gostaria de abrir espaço para uma discussão que envolvesse outras variáveis, fruto de minha reflexão, e que não tem o objetivo de estar sintonizada com qualquer linha de pensamento.

O sistema capitalista de produção não é caracterizado, propriamente, pelo seu caráter igualitário. Ao longo de todo o processo de formação, consolidação e desenvolvimento do capitalismo, podemos identificar várias formas de exploração, expropriação, assaltos, dominação; quer seja de uma determinada classe social sobre outra, quer seja de grupos econômicos explorando outras categorias, quer seja o domínio de países hegemônicos sobre outros menos desenvolvidos. Talvez a raiz de todo este conjunto de processos esteja localizado na natureza humana, ou no *animal spirit of capitalism*. Porém, o que de fato observamos, é que o sistema capitalista reproduz-se perpetuando este regime de exploração, em suas mais diversas formas.

O processo de dominação de um país hegemônico sobre quaisquer outros países, chamamos de imperialismo (naturalmente o termo imperialismo é largamente utilizado). Dentro desta noção, podemos identificar neste

século, os EUA como país hegemônico por excelência. Por outro lado, o Brasil é colocado no leque de países que recebe o mais variado tipo de influência norte-americana, sustentado na prática de uma política imperialista. Naturalmente, a hegemonia econômica dos EUA fornece condições para a execução de práticas imperialistas; e por outro lado, políticas imperialistas tendem a favorecer a manutenção da hegemonia americana a nível mundial, uma vez que a prática imperialista encerra em si um complexo jogo de exploração e dominação.

Não podemos fazer a inferência de que políticas imperialistas perpetuam a hegemonia de um determinado país; a decadência da Inglaterra no século XIX ilustra esta proposição. Mesmo a relativa decadência econômica americana frente a concorrentes capitalistas como Japão e Alemanha, revela que a prática de políticas imperialistas não garantem eternamente a hegemonia econômica e política. Porém, dentro deste espectro, localizo o elevado nível de despesa militar dos EUA ao longo deste século, sobretudo a partir da 2ª Guerra Mundial, como a variável central na política imperialista norte-americana.

Como foi colocado, existe uma imensa controvérsia a respeito do possível estímulo de elevados níveis de gasto militar sobre o nível de produto, ou a demanda agregada; porém, ao efetuar-se tais níveis de despesa militar, o arsenal resultante destes gastos em poder do governo norte-americano atua de forma decisiva no processo de dominação sobre os países em desenvolvimento, e mesmo como forma de coerção econômica sobre países desenvolvidos, concorrentes capitalistas. Neste sentido, o arsenal militar pode sustentar determinada política econômica, caso esta não seja unânime, ou seja, implique num processo de exploração econômica sobre outros países. Podemos identificar vários momentos na história recente, onde os EUA utilizaram seu poder militar a favor de práticas imperialistas. O Estado de Israel foi amplamente ajudado pelos EUA, uma vez que localiza-se em uma região de extremo interesse econômico, o Oriente Médio. A intervenção norte-americana na Guerra do Iraque-Kwuit revela de sobremaneira os interesse econômicos em questão, quando se trata de jazidas petrolíferas. Da mesma forma, a luta contra a expansão do bloco comunista, que se prolongou de meados da década de 40 até o fim dos anos 80, revelam a eficiência de um vasto arsenal militar para a defesa de seus interesses. Outros eventos podem ser citados, como a intervenção na Guerra da Korea e na Guerra do Vietnã, ambas encerrando disputa de caráter ideológico, entre capitalismo e comunismo.

Em síntese, a utilização do vasto arsenal militar norte-americano para defender interesse imperialistas é observado em vários momentos. O sucesso da utilização destas políticas se reflete na manutenção de sua hegemonia econômica, apesar do acirramento da concorrência intercapitalista. Ademais, países como a Alemanha e o Japão, que se revelaram sérios concorrentes da economia americana, não apresentam um volume de despesa militar sequer comparável com o dos EUA. A URSS, que representava a principal ameaça militar ao crescimento e hegemonia dos EUA, hoje enfrentam um complicado processo de transição para a economia de mercado.

Neste sentido, a prática imperialista norte-americana exige a manutenção de um vasto orçamento militar, suficiente para intervenções militares em qualquer parte do mundo. Com isso, mantém todo o sistema capitalista sob sua "proteção". Dada esta relação, a extração de benefícios econômicos é facilitada, fechando-se o ciclo de dominação.

- Baran P. e Sweezy P., *O Capitalismo monopolista*, 3ª ed, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- Bellon, B., *L'interventionnisme libéral*, Ed. Economica, Paris, 1986.
- Chester, E., Military spending and capitalism stability, In: *Cambridge Journal of Economics*, n.2, 1978, p.293-298.
- Croft, S., Military technological innovation and stability, In: *Futures*, october, 1989, p.466-479.
- Cypher, J., Military spending after the cold war, In: *Journal of Economics Issues*, vol. XXV, n.2, June 1991, p.607-615.
- Cypher, J., The basics economics of Rearming America, In: *Monthly Review*, nov. 1981, p.14.
- Duboff, R., *Accumulation and power. An economic history of the United States*.
- Duboff, R., What military spending really costs, In: *Challenge*, sept/oct 1989, p.4-10.
- Georgiou, G., The political economy of military expenditure. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.
- Gottheil, F. M., Marx versus marxists on the role of military production in capitalist economies, In: *Journal of Post Keynesian Economics*, v. VIII, n.4, Summer 1986, p.563-573.
- Gottheil, F. M., Marxism and military spending: a reply, In: *Journal of Post Keynesian Economics*, v. VIII, n.4, Summer 1986, p.580-584.
- Griffin, L. J., The political economy of military spending: evidence from the United States, In: *Cambridge Journal of Economics*, v.6, n.1, March 1982, p.1-14.

- Hartley, K. and McLean, P., Military expenditure and capitalism: a comment, In: *Cambridge Journal of Economics*, n.2, 1978, p.287-292.
- Kaldor, M., The role of arms in capitalist economics, mimeo, 1976, apud Georgiou, G., The political economy of military expenditure. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.
- Kidron, M., Western capitalism since the war, Penguin, Revised Edition, 1970, apud Georgiou, G., The political economy of military expenditure. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.
- Labini, P. S., *Oligopólio e progresso técnico*, trad. Vittoria Certino Salles, Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1984.
- Luxemburg, R., O militarismo como domínio da aculação capitalista. In: *A acumulação de capital*, 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1995.
- Magdoff, H., *Imperialismo: da era do capital ao presente*, Zahar Editores, 1ª ed.
- O' Connor, J., *USA, a crise do estado capitalista*, cap.1, trad. João Maia, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- Reich, M., Why Carter can't reduce military spending, In: *Monthly Review*, June 1977, p.53-58.
- Riddle, T., Marxism and military spending, In: *Journal of Post Keynesian Economics*, v.VIII, n.4, Summer 1986, p.574-580.
- Rosen, S., Testing the teory of the military-industrial complex, D.C. Health, 1973, apud Georgiou, G., The political economy of military expenditure. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.
- Smith, R. P., Issues in the analysis of military expenditure, mimeo, 1976, apud Georgiou, G., The political economy of military expenditure. In: *Capital & Class*, n. 19, Spring 1983, p.183-205.

- Smith, R. P., Military expenditure and capitalism, In: *Cambridge Journal of Economics*, v.1, n.1, March 1977, p.61-75.
- Smith, R. P., Military expenditure and capitalism: a reply, In: *Cambridge Journal of Economics*, n.2, 1978, p.299-304.
- Szymansky,A., Military spending and economic stagnation, *in American Journal of Sociology*, vol. 79, n. 1, july 1973, p.1-14.
- Weidenbaum, M., Sponsoring research and development, In: *Society*, July/August, 1992.
- Cide - Perspectiva latinoamericana*, editorial, vol.6, n.10, octubre 1981.
- Economic Report of the President*, vol. 1987 e 1992.